

termos do item “e” da Cláusula Décima do referido TAC, pelo descumprimento do item “e” da Cláusula Terceira;

II. A interessada poderá apresentar **impugnação** no prazo de **15 (quinze) dias** ou comparecer a esta Secretaria para retirada de guia de multa contratual para o recolhimento do valor ao Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - FEMA, conforme parágrafo terceiro da Cláusula Décima.

Documento: [114885838](#) | Ato

PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2022/0009769-8

INTERESSADA: ESTRELA MAIOR EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA. (CNPJ/MF Nº 41.743.482/0001-57)

ASSUNTO: TERMO DE RECEBIMENTO DEFINITIVO - TRD Nº 98/SVMA/CFA/2024

EXTRATO

O Coordenador da Coordenação de Fiscalização Ambiental - CFA conclui pelo total cumprimento do TAC nº 76/SVMA/CFA/DFA/2022 por parte da compromissária. De acordo com os atestes do Diretor da Divisão de Gestão de Parques Urbanos - DGPU e da Coordenadora da Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal -CGPABI, anexados sob documentos 093109871 e 092598688 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2022/0009769-8, teve-se como atendido o objeto do contrato, com a satisfatória reparação do dano ambiental.

Valor do Auto de Multa nº 67-014.573-4 do TAC nº 76/SVMA/CFA/DFA/2022: R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).

1. Que consequentemente, foi autorizada pela **Coordenação de Fiscalização Ambiental - CFA**, na pessoa de seu Coordenador, a lavratura do presente **Termo de Recebimento Definitivo**, anexada sob documento 096783571 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2022/0009769-8;

2. Que, após o recebimento definitivo do respectivo Termo de Ajustamento de Conduta, ficará a interessada responsável a sempre observar as normas técnicas e legislação vigentes;

3. Que a interessada cumpriu a **Cláusula Nona do TAC nº 76/SVMA/CFA/DFA/2022**, recolhendo em **27/06/24** o valor de **R\$ 1.958,92** (mil, novecentos e cinquenta e oito reais e noventa e dois centavos) referente ao **Auto de Multa nº 67-014.573-4**, conforme informações do documento 108929508 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2022/0009769-8, nos termos do artigo 24 do Decreto Municipal nº 54.421/13.

Documento: [114887491](#) | Ato

PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2024/0027889-0

INTERESSADA: DJBENS ADMINISTRAÇÃO DE BENS LTDA.

ASSUNTO: TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC Nº 99/SVMA/CFA/2024

EXTRATO

Auto de Infração nº 67-01.000.004-7, lavrado em 02/10/2024;

Auto de Multa nº 67-015.555-1, lavrado em 02/10/2024;

Valor do Auto de Multa: R\$ 6.000,00 (seis mil reais);

Motivo da autuação: Suprimir 3 (três) exemplares arbóreos em desacordo com as diretrizes técnicas previstas em manual, plano municipal, licenciamento ambiental, ordem de serviço ou regulamento editado pelo Poder Executivo, localizados à Rua Joaquim Galvão, nº 679 - Vila Sônia, São Paulo/SP;

Interessados: Djbens Administração de Bens Ltda. (CNPJ/MF nº 20.499.041/0001-81) e Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SVMA.

OBJETO DA REPARAÇÃO:

Constitui objeto do TAC ora firmado, obrigando-se a **COMPROMISSÁRIA** a realizar aquisições de acordo com as informações apresentadas pela Coordenadora da Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal - CGPABI sob documento 113717071 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2024/0027889-0:

1. Para melhoria dos parques urbanos administrados pela Divisão de Gestão de Unidades de conservação - DGUC/CGPABI:

• A aquisição e entrega de itens destinados aos PNMs: Bororé, Fazenda do Carmo, Jacaguava, Itaim e Varginha, conforme documentos 113743704 e 113917210;

2. Para tratamento médico/veterinário e o manejo dos animais silvestres atendidos pela divisão de Fauna Silvestre - DFS, no Centro de Manejo e Conservação de Animais Silvestres - CEMACAs:

A aquisição e entrega de itens conforme documentos 113734872, 113734917 e 113735001. **Valor da multa a ser recolhido: 60%**

(sessenta por cento) do valor do Auto de Multa nº 67-015.555-1 devidamente atualizado, conforme previsto no **artigo 24 do Decreto Municipal nº 54.421/13**, e nos termos da **Lei Municipal nº 13.275/02**.

Documento: [114887980](#) | Ato

PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2024/0023587-3

INTERESSADA: A F PAULICEIA EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO SPE LTDA. (CNPJ/MF Nº 46.279.475/0001-60)

ASSUNTO: TERMO DE RECEBIMENTO DEFINITIVO - TRD Nº 122/SVMA/CFA/2024

EXTRATO

O Coordenador da Coordenação de Fiscalização Ambiental - CFA conclui pelo total cumprimento do TAC nº 76/SVMA/CFA/2024 por parte da compromissária. De acordo com o ateste da Coordenadora da Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal - CGPABI, anexado sob documentos 113443118 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2024/0023587-3, teve-se como atendido o objeto do contrato, com a satisfatória reparação do dano ambiental.

Valor do Auto de Multa nº 67-015.015-1 do TAC nº 76/SVMA/CFA/2024: R\$ 14.000,00 (quatorze mil reais).

1. Que consequentemente, foi autorizada pela **Coordenação de Fiscalização Ambiental - CFA**, na pessoa de seu Coordenador, a lavratura do presente **Termo de Recebimento Definitivo**, anexada sob documento 113621635 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2024/0023587-3;

2. Que, após o recebimento definitivo do respectivo Termo de Ajustamento de Conduta, ficará a interessada responsável a sempre observar as normas técnicas e legislação vigentes;

3. Que a interessada cumpriu a **Cláusula Nona do TAC nº 76/SVMA/CFA/2024**, recolhendo em **06/11/2024** o valor de **R\$ 8.484,00** (oito mil, quatrocentos e oitenta e quatro reais) referente ao **Auto de Multa nº 67-015.015-1**, conforme informações do documento 114503203 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2024/0023587-3, nos termos do artigo 24 do Decreto Municipal nº 54.421/13.

Documento: [114911068](#) | Ato

PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2024/0019344-5

INTERESSADA: JPHR EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES LTDA.

ASSUNTO: TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC Nº 100/SVMA/CFA/2024

EXTRATO

Auto de Infração nº 034548, lavrado em 06/06/2024;

Auto de Multa nº 67-014.652-8, lavrado em 06/06/2024;

Valor do Auto de Multa: R\$ 6.000,00 (seis mil reais);

Motivo da autuação: Dano ambiental decorrente de suprimir 03 (três) espécimes vegetais de porte arbóreo, sem autorização do órgão municipal competente, localizados à Avenida Itaquera, s/nº - Parque Maria Luiza, São Paulo/SP;

Interessados: JPHR Empreendimentos e Participações LTDA. (CNPJ/MF nº 59.053.884/0001-95) e Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SVMA.

OBJETO DA REPARAÇÃO:

Constitui objeto do TAC ora firmado, obrigando-se a **COMPROMISSÁRIA** a:

a) Realizar o plantio reparatório de **39 (trinta e nove)** mudas de espécies arbóreas nativas da flora brasileira, todas com DAP ≥ 3 cm, altura do colo à primeira bifurcação, sendo que todos os exemplares serão plantados no local do dano, localizado na Avenida Itaquera, s/nº, lotes 11 e 12, quadra 96 - Parque Maria Luiza, São Paulo/SP;

b) Garantir ao final do período de manutenção, tal seja, 12 (doze) meses, a reparação do dano ambiental mediante reconhecimento do **Grupo Técnico de Recuperação Ambiental de Áreas Degradadas - GTRAAD**.

Valor do Auto de Multa a ser recolhido: De acordo com informações anexadas sob documento 114291489 do Processo Administrativo SEI nº 6027.2024/0019344-5, o **Auto de Multa nº 67-014.652-8** encontra-se devidamente pago desde 16/07/2024.

DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E APOIO AOS COLEGIADOS

Documento: [114614575](#) | Ata

ATA DA 44ª Reunião Plenária Extraordinária do CADES

Dados da Reunião

Data: 18/11/2024

Duração: 3 horas 29 minutoS 3 segundos

Local: semi-presencial - Online - Microsoft Teams

- Presencial - térreo - SVMA

Participantes

Presidente da mesa

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos - Presidente

Mesa Diretora:

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC
Rute Cremonini de Melo - Secretária Executiva - SVMA/CGC/DPAC

Assessores:

Sérgio Eduardo Hatsumura Hanasiro - Assessor
Neusa Pires - Assessora

Apresentadores:

Anelisa Ferreira de Almeida Magalhães - SVMA/CGPABI/DFS
Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE

Conselheiros

Ligia Palma de Barros Latorre Lobo
Oliver Paes de Barros de Luccia
Guilherme Iseri de Brito
Janaina Soares Santos Decarli
Douglas de Paula D'Amaro
Magali Antônia Batista
Claudio de Campos
Marcia Ramos dos Santos
Rosélia Mikie Ikeda
Juliana Laurito Summa
Anita de Souza Correia Martins
Juliano Ribeiro Formigoni
João Cesar Megale Filho
Célia Regina Buono Palis Poeta
Gilson Gonçalves Guimarães
Marco Antonio Lacava
Estela Macedo Alves
Mario Luis Fernando Albanese
José Ramos de Carvalho
Tereza Cristina M. Da Cunha
Jaciera Schaffer Rocha
Maria de Fátima Saharovsky
Delaine Guimarães Romano
José Reinaldo Brígido

Participante

Luciane Lopes Lacerda
Luccas Guilherme Rodrigues Longo
Anita Correia de Souza Martins
Caroline Cotrim Aires
Edna Maria Gomes Calvacante
Giovanni Balaton Pupin
Sylvia Maria Matsuda
Sérgio de Mello Novita Teixeira

TRANSCRIÇÃO AUTOMATIZADA

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos - Presidente: Bom dia a todos. Bom dia, ao nosso pessoal da SVMA, nossos queridos trabalhadores, o pessoal chega aqui na segunda-feira falando, ó, trabalhei o final de semana inteiro, como é que foi seu final de semana? Estava lá nas trilhas, é muito bacana ver o nosso pessoal trabalhando, e melhor ver os nossos amigos aqui do CADES, presentes. Então conselheiros, conselheiras, bem-vindos. Na qualidade de presidente da mesa, eu, Carlos Eduardo Guimarães Vasconcelos, secretário adjunto da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente de São Paulo, dou início à 44ª Reunião Plenária Extraordinária do CADES, convocado nos termos do Artigo 8, do regimento interno, conforme a Resolução 140/CADES/2011, se realizando na data de hoje, 18/11/2024, segunda-feira, às 10:21, de forma semipresencial, na sala de reuniões da Secretaria do Verde e Meio Ambiente e de forma remota, pela plataforma Microsoft. Vou passar agora a palavra, como sempre, para a nossa coordenadora, Sra. Liliane Arruda. Liliane.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigado Carlos. Pelas suas palavras. Bom dia a todos os conselheiros aqui presentes. É imensa gratidão. Eu agradeço a vocês pela nossa reunião extraordinária que não deu tempo para gente fazer, tempo hábil, para a gente fazer a nossa reunião na ordinária, então tivemos que marcar a extraordinária e quero agradecer aqui a disposição de todos aqui presente. Então passando para o primeiro ponto do expediente: Apresentação sobre as Unidades de Conservação Municipais. Estamos aqui com a nossa diretora Anita Martins, que ela é Diretora de Divisão de Gestão de Unidades de Conservação e o nosso servidor Luccas Longo, que ele é biólogo também da Conservação. Os 2 andam

sempre juntinhos, e então eu passo a palavra para a Anitta para se apresentar, depois para o Lucas para se apresentar. A palavra está com vocês.

Anita Correia de Souza Martins: Bom dia a todos. Agradeço o convite, principalmente da conselheira Maria de Fátima, que acompanha os conselhos da UC's desde sempre, nos pediu para que a gente pudesse compartilhar com vocês o nosso trabalho, a importância dele, tanto no que diz respeito para a sensibilização da população, mas também nos serviços ambientais que essas áreas tão importantes prestam para o município de São Paulo. Antes disso, gostaria um pouco de falar do histórico, de quando tudo isso começou. O termo Unidade de Conservação ele é acolhido pela Legislação Federal, pelo SNUC que a gente vai ver mais à frente. Mas é um modelo de conservação que existe no mundo e mundialmente é reconhecido como Áreas protegidas. A Unidade de Conservação Parque, denominado parque mais conhecido e o primeiro a ser criado no mundo foi o Park Yellowstone, nos Estados Unidos, que foi criado ainda no século XVII, bem diferente da nossa história aqui no Brasil. Então ele data de 1872 a criação desse parque e no Brasil a gente tem o primeiro parque nesse modelo criado, que foi o Parque Nacional do Itatiaia, criado em 1937. No estado de São Paulo, a gente tem algumas unidades criadas, como o parque estadual da Serra do mar, a Cantareira, criadas na década de 70 pelo governo do estado, mas a maior parte no grande número de unidades de conservação sendo criadas na década de 90. Essa história na prefeitura de São Paulo, começa no ano 2001, com a criação da primeira Área de Proteção Ambiental, que é a Área de Proteção Ambiental Capivari Monos. A gente traz um pouquinho ali, da organização, nesse slide da Secretaria do Verde, temos 7 coordenadorias, então a Coordenadoria de Administração de Finanças, a Coordenadoria de Licenciamento Ambiental, a Coordenadoria de Educação Ambiental e Cultura da Paz, a UMAPAZ, a Coordenação de Fiscalização Ambiental e de Colegiados, que justamente gerenciam esse conselho aqui, os outros conselhos, tanto dos parques quanto das Unidades de Conservação, a Coordenadoria de Planejamento Ambiental e, finalmente, a Coordenadoria de Gestão de Parques e Biodiversidade, na qual está inserida a Divisão de Gestão de Unidades de Conservação. Essa divisão se tornou uma divisão apenas por volta de 2007, eu entrei na Secretaria no momento anterior a esse. A gente estava atrelado ao planejamento ambiental, então a gente vê essa divisão entre as coordenações, nossos trabalhos são sempre interpassados, então a gente, por exemplo, mencionou a questão dos conselhos. Todas as unidades, por obrigação da lei federal, têm um conselho gestor bipartite entre a sociedade civil e o poder público. E a gente tem todo o apoio aqui da Coordenadoria de Colegiados para implantação e gestão desses conselhos. E aí então, dentro dessa coordenação a proximidade dos trabalhos é muito forte. Então, para gerir uma unidade de conservação, eu tenho dados fundamentais de conhecimento que eu preciso ter para poder fazer o gerenciamento dessas áreas. Então, por exemplo, o pessoal que está aqui hoje da Divisão de Fauna Silvestre. Eles trabalham conosco no processo de criação, então é feito todo um estudo para embasar e justificar a criação daquela unidade. Então são feitos levantamentos, quando nós temos que definir o plano de manejo, que é outra obrigação legal das unidades de conservação, eles também ajudam nos levantamentos. A mesma coisa do DPHM, que é a Divisão de Produção e Herbário Municipal. Então a gente tem uma interface enorme com o herbário, que também faz os levantamentos florísticos. Tanto para a criação quanto posteriormente, para a gestão dessas áreas e os seus planos de manejo. A gente tem a Divisão de Arborização Urbana, responsável pelas ações de restauração florestal, ela chama de arborização, mas é mais do que isso. Eu até sugiro que esse nome algum dia seja modificado, porque vai muito além só da arborização, e no nosso caso, a gente trabalha com a questão da recuperação de algumas áreas, seja afetadas por incêndios, sejam áreas que precisam de alguma ação para que aquela vegetação chegue a um estágio sucessional mais avançado, então a gente tem essa interface aí também com o DAU, com a Divisão de Infraestrutura e Projetos e Obras, toda a parte de implantação das unidades das sedes, do cercamento é feito o acompanhamento por essa divisão. E finalmente, a parceria que a gente tem com os parques urbanos, que muitas vezes são os nossos vizinhos, no território. Então toda essa coordenação, os trabalhos estão muito interligados. Essa é a organização da Divisão de Gestão de Unidades de Conservação, então a gente tem a diretoria, um expediente, uma assessoria técnica multidisciplinar, com profissionais da nossa divisão, tem biólogos, sociólogos, engenheiro florestal, engenheiro agrônomo, gestor ambiental, enfim. Então uma equipe bem interdisciplinar para dar conta de todos os desafios, que uma unidade de conservação pode ensinar. A gente tem a gestão das áreas de proteção ambiental, a coordenação dos parques naturais e uma gestão específica para o Refúgio de Vida Silvestre. O nosso apoio para a gestão no território são serviços terceirizados que abrangem 4 contratos, principalmente, que é o de vigilância patrimonial, o de manejo de áreas verdes, que dá conta da implantação de trilhas, do corte de grama, da parte de zeladoria, limpeza, da área de administração, dos banheiros da unidade, aquelas que são abertas ao público, como os parques naturais. Um monitoramento de incêndio que existe em algumas unidades ainda, por exemplo, no Refúgio Anhanguera, que é um monitoramento feito por câmeras com sensores termais, para nos ajudar nesse trabalho de identificação dos focos de incêndio para um combate mais efetivo, de avistamento, também através de Torres, que nos permitem olhar a longa distância. E finalmente, o último contrato que data desse ano. Muito importante para nós, que é a figura do condutor ambiental. Que são jovens, a maior parte, inclusive, ainda que residam perto desses territórios que estão inseridos num contexto como vocês vão ver num mapa mais periférico da cidade. Distante,

portanto, das áreas centrais e com acesso mais difícil, é muito importante que eles estejam no território, tanto para essa questão de deslocamento quanto do desenvolvimento local. Então, esses jovens apoiam todo o trabalho de visitação da unidade, tanto do monitoramento quanto o acompanhamento da visitação. Tanto das escolas quanto de programas que nós temos nos parques. Aí então, a Lei, que é o SNUC, que ele estabelece um Sistema Nacional de Unidade de Conservação. É uma lei do ano de 2000, que reúne num sistema, quer dizer o seguinte, que qualquer unidade de conservação criada pelas instâncias federativas, sejam o governo federal, os estados brasileiros ou os municípios, seguem o regulamento comum para diretrizes desde a criação da unidade de conservação até a sua gestão. Existe também um cadastro nacional de unidade de conservação, em que esses órgãos cadastram as unidades, tanto com relação ao seu perímetro quanto aos instrumentos de gestão. O principal deles, é importante destacar, é o plano de manejo da unidade. Então, todos esses dados estão no cadastro nacional de unidades de conservação acessíveis no site do Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas. E no artigo 1º essa lei federal, ela traz diretrizes para criação, implantação e gestão das unidades. No território municipal a gente tem 23,68% do município abrangido por áreas protegidas pelas unidades de conservação, uma parte muito considerável, apesar da gente ter essa dimensão da cidade muito urbanizada, pouco verde, mas a gente vai ver que infelizmente ele está muito concentrado nas extremidades. Essa imagem, a gente consegue ver isso, então a gente vê nas bordas da cidade, principalmente no extremo sul de São Paulo, a presença dos remanescentes mais significativos de mata atlântica e por isso, da maior parte das unidades de conservação que é essa Secretaria gerencia, uma parte também ali, concentrada na porção norte e alguma coisa na região leste. Hoje, ao todo nós temos 12 unidades de conservação municipais geridos pela Secretaria do Verde, 10 com gestão direta e 2 a gente faz o acompanhamento da gestão, que são as reservas particulares do patrimônio natural. Nós temos 2 áreas de proteção ambiental localizadas no extremo sul, APA Capivari Monos e APA Bororecolônia. 7 parques naturais municipais, 5 concentrados na zona sul, 2 na zona leste do município de São Paulo e um Refúgio de Vida Silvestre na região noroeste de São Paulo, que também inclui no seu perímetro o CeMaCAS, uma unidade muito importante que também vai acabar sendo um pouco abordada na apresentação das meninas aqui da divisão de Fauna Silvestre. Aqui eu vou pedir ao Luccas, você não quer falar um pouquinho? Agora vou pedir ao Luccas, gestor da APA Capivari e biólogo da divisão, para nos trazer um pouquinho da Riqueza da biodiversidade, que é um dos principais motivos para a criação das unidades de conservação.

Luccas Guilherme Rodrigues Longo: Bom dia pessoal, bom dia a todos os presentes aí que estão online e os presentes aqui com a gente. Como a Anitta ilustrou bem, essas unidades de conservação, 12 unidades de conservação, tanto de gestão direta e indireta, funcionam como um grande e imenso refúgio para a biodiversidade, tanto em relação às espécies da flora e da fauna. E aí, nesse escopo de conservação, composto por áreas protegidas, significativas e localizadas em regiões estratégicas do ponto de vista da prestação dos serviços ecossistêmicos, não só para a cidade de São Paulo, mas também para a região metropolitana. A gente tem um retrato, que é um retrato subí amostrado da diversidade e biodiversidade que temos na cidade de São Paulo. Se vocês observarem bem, se a gente, são quase 1.400 espécies só da fauna e se a gente somar esse número com que a gente conhece em relação aos aspectos florísticos, as espécies botânicas, a gente tem mais de 5.000 espécies de biodiversidade registradas por esses 2 patrimônios significativos e importantes na Secretaria do Verde, o Herbário Municipal e a Divisão de Fauna Silvestre, que talvez coloquem a cidade de São Paulo numa região, numa localização pioneira dentre os municípios brasileiros, porque a gente continua promovendo o monitoramento da biodiversidade, e não só o monitoramento, a recuperação e a compreensão das relações em que a cidade possui com a biodiversidade, um detalhe específico vai ficar para apresentação do manual de fauna. E se a gente observar nesse quadro que vocês estão observando, a gente tem quantidades e riquezas de espécies localizadas em grupos, menos nos outros, porque evidentemente que a gente tem gargalos de conhecimento e esses gargalos gradativamente vem sendo resolvidos, e solucionados através da geração de conhecimento, porque cada vez a gente tem mais gente visitando as unidades de conservação, observando e através da ciência cidadã, colaborando para um monitoramento da divisão de fauna, também para o conhecimento que a gente tem Botânico, só um destaque, Cidade de São Paulo tem em suas regiões, nas áreas protegidas, o maior mamífero terrestre brasileiro, a jardineira da floresta, a anta. A gente tem o maior felino Silvestre, é o terceiro maior felino Silvestre do planeta, a onça pintada. A gente tem o maior primata das Américas, o miqui, vivendo na cidade de São Paulo. E eles não estão vivendo em qualquer lugar. Eles estão vivendo justamente nessas áreas que têm proteção e que tem gestão. Não basta apenas a gente fazer a criação de unidades de conservação sem nenhuma gestão. E essa gestão participativa também tem essa responsabilidade para a manutenção dessas espécies. Então, um destaque novamente é a apresentação do manual de fauna, que vem no sentido de proporcionar através de um conhecimento gerado por diferentes e dezenas de oficinas participativas, construção interna, a coexistência humana fauna na cidade de São Paulo, então, é um patrimônio natural, um patrimônio vivo. E a gente que trabalha na Divisão de Gestão de Unidade de Conservação, não só, a divisão de fauna também é tenta dentro das suas especificidades e conhecimento dá voz para esses outros seres paulistanos que temos na cidade, obrigado, pessoal.

Anita Correia de Souza Martins: Aí a gente entra especificamente

nas categorias na área de proteção ambiental, foi a primeira unidade de conservação que tivemos no município e é uma unidade de conservação que tem um contexto bem diferente de um parque, porque ela congrega áreas com domínios diferenciados, então, por exemplo, numa área de proteção ambiental, a gente pode ter áreas urbanizadas, pode ter sítios, chácaras, pode ter parques urbanos, parques naturais, enfim. Então é um contexto em que se estabelece ali um ordenamento territorial para conservar aquele patrimônio ambiental que existe com o objetivo sempre, de uma unidade de conservação a proteção da biodiversidade. E ali a gente tem então, nesse contexto do extremo sul, um conjunto muito diferenciado, são 2 áreas de proteção contíguas, uma criada em 2001, que é a primeira UC municipal, outra em 2006. Todas foram frutos de uma articulação também local, e de técnicos da Secretaria, pelo entendimento de que aquele território tinha um patrimônio socioambiental muito significativo, congregando comunidades indígenas, como é o caso da APA Capivari, áreas com agricultura, mas em processo de transição agroecológica para minimizar os impactos da produção sobre uma área, inclusive, que é produtora de água, a gente está ali inserido num contexto da área de proteção aos mananciais, que é uma legislação estadual. Então a gente tem captação direta de água na represa Guarapiranga para abastecimento da região metropolitana. Então é importante conservar essa água, porque sem floresta não há água. E esse foi um dos principais fatores que ensejou a criação dessas 2 unidades de conservação. E aí para isso se usa uma série de estratégias, a questão do uso sustentável dos recursos naturais, da sociodiversidade, o incentivo a arte e a cultura local, né? A gente tem ali focos de ocupação alemã muito antigos, que remanescem, inclusive, enquanto o município de São Paulo era conjunto ainda com Santo Amaro, tinha uma distinção ali, a questão do turismo e da natureza. A criação das 2 APAS ainda, nos anos 2000, levou em 2013 a ser instituída uma legislação de criação de um polo de ecoturismo de São Paulo na região. Então foi todo esse processo de também valorizar esse território e as dinâmicas de ocupação e de uso do solo desse território que levaram ao reconhecimento e o estabelecimento de uma política pública como o polo de ecoturismo. Então aí o ano de criação, no ano 2000, são 25.100 hectares no município de São Paulo, é uma área gigantesca. A gente congrega nesse território as terras indígenas, são mais de 10 aldeias, né Lucas, hoje parte do parque estadual da Serra do mar, uma porção do núcleo crucutudo, o parque estadual da Serra do mar. Então a gente tem uma sobreposição aí de 3 áreas protegidas, de uma APA municipal de um parque estadual de 3 unidades de conservação e ainda do parque natural municipal da cratera de colônia, que é um parque da prefeitura também, unidade de conservação. A APA tem um plano de manejo de 2011, vamos revê-lo ano que vem, tudo certo. E são 22 anos de gestão participativa, foi o primeiro conselho gestor, nenhum parque tinha conselho gestor eu, quando entrei, criei o conselho dessa área de educação ambiental, sozinho, sem Cades ajudando. Não tinha, lavaram as mãos e lá fomos nós no meio da aldeia Indígena. Foi divertido o processo, mas foi gostoso. Mas muito interessante, eu acho que boa parte desse processo de reconhecimento da importância da participação social como ferramenta para gestão ambiental no município vem dessa luta e desse processo de criação desse conselho gestor. A gente depois, no ano de 2006, criou outra segunda área de proteção ambiental, a Bororé-colônia, ali numa área contígua. Num território muito importante, porque ele fazia o limite direto com a área extremamente urbanizada. Então uma pressão urbana gigantesca, ela é um pouco menor que a APA Capivari, tem 9.000 hectares, mas também uma área bem significativa, são 15 anos também de gestão participativa. Nela a gente tem, no seu território, 3 dos parques naturais geridos pela Secretaria do Verde, alguns parques urbanos, como o Shangrilá, enfim, podem passar, por favor. E aí é importante falar que essa política da gestão das unidades de conservação está atrelada a outras políticas públicas extremamente importantes, como é um dos planos verdes, que é o Plano Municipal da mata Atlântica, que estabeleceu o corredor ecológico sul. Então ele congrega porções, as porções mais interessantes, as áreas com os remanescentes de vegetação mais conservados e que permitem que essa vegetação mesmo em face a todas as pressões que esses territórios possuem, que essa vegetação continue e se regenere e tudo a ela associada a fauna, evidentemente. Então esses corredores foram estabelecidos na zona sul, corredor sul. Na zona leste, o corredor leste, como a gente vai ver, e na zona norte, o corredor norte. Pode passar, por favor. Nesse contexto, uma outra política pública que nós pensamos para auxiliar no processo de sensibilização da comunidade, da sociedade civil para o entendimento da importância dessas áreas, foi a criação de uma trilha de longa distância, que se chama trilha Inter parques. A ideia é que ela possa ser feita tanto de bicicleta quanto a pé. A pé é um pouco longa, ela tem 185 km, mas é lógico que isso é para ser feito, pode ser feito aos poucos, em vários dias. Uma vez eu vou num trecho, outra vez eu vou em outro, mas a ideia é que se você conheça essa diversidade de áreas protegidas que estão no seu contexto. Então a gente tem essas unidades que eu já falei municipais na zona sul, mas a gente tem o parque da Várzea do Embu, que é um parque estadual na região ali de Embu Guaçu, a esquerda do mapa, quando vocês vêm, a gente tem o parque estadual da Serra do Mar. A gente tem reservas particulares que são, tem a gestão feitas pelo a gente (som ininteligível) tem um trabalho muito intenso, tanto a divisão de fauna quanto o herbário nessa unidade que é muito importante e tem um acompanhamento da gestão tanto federal, que foi quem reconheceu mais a Secretaria do Verde, por estar inserida no território da própria APA Capivari. Então é a oportunidade de você conhecer todo esse território que é muito diverso das propriedades rurais, outros atrativos particulares que existem, existe um borboletário, existem cachoeiras, lindíssimas e a trilha ela tenta fazer com que o paulistano ou enfim, ou quem quiser conhecer a trilha possa sentir um pouquinho da importância dessas

áreas e a relação entre elas. É um trabalho de muito tempo que a divisão vem desenvolvendo, há mais de 10 anos. Hoje ele está tomando um pouco mais de forma. Há 2 anos nós conseguimos integrá-lo e reconhecê-lo no ambiente da Rede Brasileira de Trilhas. Tivemos agora no fim de semana o Congresso, o terceiro Congresso brasileiro que a cidade de São Paulo recebeu, nesses, mais de 2000 pessoas participaram do Congresso desse ano, o ano passado ele foi em Niterói e o primeiro foi em Goiânia. Participaram todos os estados brasileiros, boa parte dos municípios. E ali, acima, à direita, vocês veem o símbolo da nossa trilha Inter parques que marca justamente o animal símbolo da cidade eleito pelas pessoas. Há quanto tempo? (Som ininteligível) você lembra? 2010 houve uma eleição, as pessoas, os municípios foram incitados a elegerem o animal símbolo da cidade. É o animal símbolo da cidade foi a sussuarana. Então é a patinha dela ali embaixo, em cima, a gente tem a marca da bota, da parte de cima e a parte de baixo a pegadinha, da sussuarana, que é um dos maiores mamíferos, como o Lucas colocou na apresentação e que está presente tanto na porção norte perto dali do Refúgio de Vida Silvestre, alguma coisa existe aqui na zona leste, no Cabeceiras, ela também está, coitada, mas está, super ameaçada. E na zona sul, onde ela reina. Então a nossa trilha tentou também trazer essa imagem, porque é um animal também muito importante para essa região. Pode passar, por favor. Outra categoria, no sistema nacional de unidade de conservação, que nós temos, uma representação muito importante no município, é o parque natural municipal. É, gostaria de lembrar vocês que o parque natural municipal equivale, quando criado pela união, é o parque nacional, como é o parque de Itatiaia, Foz do Iguaçu, enfim, parques que todos nós conhecemos, quando o estado cria um parque dessa categoria, ele se chama parque estadual, então um Parque Estadual da Cantareira, parque estadual da Serra do mar, Parque Estadual do Morro do Diabo. E o que diferencia, por exemplo, de uma APA é a posse e o domínio das terras dessa área são públicos, então o domínio é municipal, no caso dos parques municipais, o objetivo é a preservação dos ecossistemas. E lá eu posso fazer atividades de educação ambiental, sempre voltadas para a sensibilização para a conservação, desenvolver pesquisas científicas e o turismo ecológico, sempre respeitando a questão da conservação. Pode passar, por favor. Aí um pouquinho, do que a gente tem na cidade. O primeiro parque natural municipal, no extremo leste, é um remanescente importantíssimo de vegetação, com mais de 500 hectares, criado ainda em 2003, numa área que era da Cohab, enfim, a gente cuida desde então. Nele a gente tem a primeira sede sustentável da América do sul. É uma área com uma construção arquitetônica, que congrega a questão de reuso da água, captação de energia solar e o uso de madeira certificada. A própria sede, a visitação a sede já é um trabalho de sensibilização, fora todas as espécies ali que a gente vê, a espécie de símbolo do parque é a preguiça. É um animal muito recorrente, ela vive querendo atravessar a estrada do parque, ela passeia para (som ininteligível). Pode passar, por favor. O parque também já tem o seu plano de manejo, que é 2013, já está em momento de revisão. É uma área inserida num contexto amplamente urbanizado, vocês veem ali que a sul, ela faz limite com a avenida Aricanduva, então imaginem a densidade demográfica e as pressões que a área sofre, é uma área, inclusive, que tem um padrão de cercamento bem diferente do que são os outros parques naturais. A gente tem gradil na maior parte desse trecho da Aricanduva porque é uma área urbana. Densamente povoada. A gente tem um contexto ali de conservação inserido numa área de proteção estadual, que é a área de proteção ambiental parque fazenda do Carmo, gerida pela Fundação Florestal, pelo governo do estado. Durante muito tempo a gestão dessa área foi conjunta com a APA e ali, alguns anos, quando acho que o Lucas foi gestor do parque, houve a individualização. Então um conselho específico só para o parque, uma parceria muito grande com o Sesc Itaquera, que nos auxilia numa série de atividades que a gente faz conjuntamente, de educação ambiental ou de curso de áreas protegidas. Mas é um parceiro fundamental na região, a própria USP Leste, enfim, é um parceiro muito importante ali. Pode passar, por favor. E aí a gente tem no extremo leste do município, numa área extremamente estratégica e importante. O parque natural municipal Cabeceiras do Aricanduva é a última unidade de conservação, mais recentemente, criada ainda no ano de 2023, de 226 hectares, no limite, ali com Ferraz de Vasconcelos e Mauá. E aí nesse contexto, ela está ligada, conectada aos remanescentes de vegetação, com remanescentes no limite desses outros municípios, por isso é importantíssima a integração da gestão desse território, do parque. O parque hoje é uma área pública municipal, ele foi criado por decreto e a sua sede e o cercamento estão neste momento sendo implantados, né? A gente já tem um contrato de manejo e de vigilância na área, e também já temos monitores ambientais, então é um trabalho começando o ano passado, a gente fez a consulta pública, que é obrigatória, num processo democrático e atendendo a lei federal. E o ano que vem, espero que até o fim do ano a gente tenha esse parque aberto ao público, efetivamente. Pode passar. Ali um pouquinho, do desenho do parque. É um parque que foi criado para proteger as Cabeceiras do Rio Aricanduva. Um manancial muito importante dessa região do extremo leste, numa área também densamente ocupada com os índices de desenvolvimento humano mais precários do município, da região metropolitana. Então, é uma área que merece um olhar muito especial para esse território. Vamos ter ações muito desafiadoras de restauração florestal também, porque é uma área que sofreu muito com a ocupação desordenada. Então já começamos algumas ações com a divisão de arborização urbana de restauração e temos como vizinho outro desafio que é um aterro sanitário gigantesco, e ainda em ampliação estamos vivendo agora, neste momento uma ampliação, mas é assim, onde a gente mora, as pessoas geram um resíduo, resíduo precisa de aterro e esse é um ponto de reflexão enorme para nós, nós todos. Então como eu mencionei o plano

municipal da mata Atlântica de 2017, ele também estabeleceu, na zona leste, um corredor que interliga o parque fazenda do Carmo com o parque cabeceira do Aricanduva. É uma área em que é muito difícil essa conexão. Ela está muito entrecortada, porque a ocupação realmente é muito densa. E nesse contexto, nós teremos que fazer um trabalho não só de preservação da vegetação que existe, mas também de restauração, de plantio em muitas áreas. É um desafio enorme e que a gente tem que enfrentar. Esses parques inseridos na zona sul, 3 deles, como eu já mencionei, no contexto da APA Bororé. Eles foram criados em compensação ambiental ao empreendimento Rodoanel Mário Covas, no seu trecho sul, somam entre si 1.500 hectares de área protegida. São remanescentes extremamente importantes, que foram escolhidos ali mediante uma articulação grande da prefeitura com o governo do estado naquele momento. As áreas foram desapropriadas pela Dersa. Transferidas para a Secretaria do Verde e os parques foram implantados e criados por decreto em 2012. Pode passar por favor. Tem uma imagem do parque Jaceguava, que tem 457 hectares, está inserido no contexto da sub de Parelheiros, na bacia hidrográfica da represa Guarapiranga, ele tem uma condição muito especial que a gente tem ali, áreas que são remanescentes de cerrado, e a gente percebeu isso antes de começar a fazer os estudos para a criação, porque a Dersa foi lá, tinha uma área que parecia, descampada, sem vegetação, fez um plantio de mata Atlântica e a vegetação 1, 2, 3 nunca foi, o herbário foi lá e falou, claro, nunca iria crescer aqui era cerrado. Então e tem uma trilha nesse parque, que é a trilha de Saci. Uma trilha de educação ambiental, uma trilha interpretativa em que você pode ambientar, inclusive, a diferença desses ecossistemas, tanto no que diz respeito à feição da vegetação quanto às características destas espécies e até a temperatura dessas áreas. E aí o parque Itaim, então a gente já está ficando ali mais próximo à subprefeitura. Ele tem 479 hectares, tem entre esses 4 parques criados em compensação ambiental, Rodoanel sul. Esse é o parque mais visitado, porque ele também é o mais acessível. Pode passar, por favor. Ele está inserido no contexto da APA Bororé, também na sub de Parelheiros. O parque Varginha ele está já inserido na sub de Capela de Socorro, tem 400, mais de 400 hectares. É um parque que dentro dos seus atrativos tem também uma casa voltada aos pesquisadores. Então pode receber pesquisadores e a gente recebe muitas pesquisas através da comissão de pesquisa da Secretaria do Verde, que organiza, os pesquisadores que fazem pesquisa tanto nos parques urbanos quanto nas unidades de conservação, criando um banco de dados, inclusive, para a gente tem acesso a essas informações e controle das atividades que são desenvolvidas pelos pesquisadores. Tanto, parque Bororé, que é esse outro parque, é o quarto dos parques criados pela compensação ambiental do Rodoanel. Eles estão inseridos Varginha e Bororé em outra bacia hidrográfica, que é a bacia hidrográfica da Billings, um outro contexto. Esses 2 parques, inclusive, a gente tem um visual direto para a represa, então com potencial muito grande para a questão do turismo Náutico, a gente já tem parcerias com entidades locais para isso. Então é possível abordar a questão do abastecimento, a questão da produção de água nas atividades de educação ambiental e de sensibilização para conservação. Então, um parque no Bororé, onde existe uma grande, atrativa a questão da observação de aves e como os outros, um parque muito estratégico, importante aí nessa região tão emblemática da cidade. Pode passar, por favor. O parque natural municipal da Cratera de Colônia ele está ali inserido já na APA Capivari monos, mais para baixo, para o extremo sul, numa área tombada. Pelo que o CONDEPHAAT que é o conselho estadual de patrimônio, pelo CONPRESP, que é o conselho municipal de patrimônio, é provavelmente fruto de um impacto de um corpo celeste há mais de 36.000.000 de anos. Então essa situação lhe deu um contexto paisagístico e depois, né, de solo, vegetação e fauna absolutamente singular, então esse parque é extremamente importante. Ele tem 400 hectares e ele está na, está errado isso daí subprefeitura da Capela do Socorro, totalmente, Parelheiros. Quem fez assim esse slide Lucas, (som ininteligível) as fotos são de lá mesmo, a gente pode ver aquela parte alta, são as bordas. Então a parte onde houve o impacto desse corpo celeste, que é essa parte mais baixa, e tem uma borda toda, ela é visível, a gente tem até imagens que mostram essa compreensão arredondada dela e essa borda mais soerguida. E um solo muito específico, a feição é uma série de espécies, já foram levantadas, espécies endêmicas ali, muito interessantes. O parque também tem o seu plano de manejo e que a gente deve fazer a revisão conjunta com a APA Capivari-Monos, importante lembrar que todos estes parques todos já tem conselho gestor, então a gente está OK com o que a lei federal pede e com o nosso compromisso fundamental com a democracia. Pode passar, por favor. Então, ali, mais umas imagens, como eu mencionei, aquela imagem que mostra exatamente a parte arredondada dela, fruto do impacto desse corpo celeste. Esse parque ele possui esse formato cumprido. Ele, esse ano a gente recebeu recursos de compensação ambiental do metrô. Vamos ampliá-lo para a parte noroeste ali um pouquinho, adquirindo uma área, ampliando o parque para que a gente possa construir uma sede. O restante da área é uma área de mata densa, em que a gente não iria suprimir vegetação para construir nada, muito pelo contrário, uma unidade de conservação, serve para isso. Então a gente está adquirindo esse sítio para justamente construir do que foi feito no parque fazenda do Carmo, uma sede sustentável e poder então abrir ao público o parque, eu espero que nos próximos 2 anos. Pode passar por favor. Ali um pouquinho do que a gente traz, para trabalhar com as crianças no parque, que são os parques naturalizados. Então são elementos que trazem restos às vezes, ali do parque, de poda, árvores que caem. Então a gente constrói esses brinquedos que são voltados para as crianças, mas também para os adultos, convidando todos para brincar, né, Lu? O livre brincar, ele adora brincar. Muito essa questão de exaltar a correlação muito forte entre a natureza, a saúde e o bem-estar. A gente sabe quanto essas, tanto o bem-estar físico como mental,

então essa importância entre a visita aos espaços naturais e a saúde física e mental. Então o Lucas falou de serviços ambientais, mas também essa relação muito forte entre saúde e a natureza. E esse é um projeto que, inclusive, a gente desenvolve em um dos parques com Einstein, e saúde e natureza, monitorando alguns índices relacionados a parâmetros tanto Pressão arterial, índice de glicose, mas também índices relacionados à saúde psíquica. Na visitação, num grupo monitorado, então esses resultados vão ser divulgados. Foi uma pesquisa que entrou na comissão de pesquisa científica da Secretaria do Verde, foi implantada em outras unidades de conservação estaduais. Mas no parque Varginha, no município de São Paulo, que trouxe resultados muito importantes. Então a gente tem resultados para dizer que quando eu vou para uma trilha e recebo informações qualificadas, eu não vou apenas olhando que bonita a natureza, eu entendo que para que que é, o que é a sussuarana, o que é o palmito Jussara, o que é a serra pilheira. Quando eu tenho essas informações, o impacto sobre a visitação, sobre a saúde das pessoas é maior. Então por isso a gente tem investido muito e a questão dos próprios condutores ambientais, as atividades monitoradas, como o avistar, as atividades de observação de aves. São tão importantes porque trazem uma experiência qualificada e diferenciada para os visitantes nos parques. Pode passar, por favor. Aqui a gente tem projetos que acontecem em parceria com outras secretarias, então o Vai de Roteiro com SMTUR, a Secretaria municipal de turismo é o mais antigo deles e trabalha com uma visão da questão do polo de ecoturismo, da grandeza desse território que tem tantas oportunidades, tantos atributos ambientais e culturais, e isso sempre atrelado à questão da conservação, com visitação aos parques naturais. O Vamos Trilhar, que é um projeto mais recente, um pouco da Secretaria de esportes com recursos do FEMA, que traz qualquer pessoa que se interesse e se inscreva previamente. Visita aos parques com um monitor ambiental qualificado, que faz todo esse trabalho que a gente mencionou aqui, de identificar algumas espécies durante o trabalho da trilha. E finalmente, um mais recente da Secretaria de educação, que é o Rolê Agroecológico, que permite que as pessoas vivenciem a importância do parque associado à produção agroecológica. Então, as crianças de todos os sextos anos das escolas municipais, da rede municipal de ensino visitam uma propriedade rural, se alimentam lá, levam uma cesta de produtos agroecológicos e visitam um parque natural. Pode passar por favor. Com isso, desde que os parques abriram no ano 2020, integralmente ao público, de terças a domingos, das 8 às 17, esses 5 parques naturais municipais, eles já receberam mais de 70.000 visitantes. Então é muito importante a gente pensar nisso. Existem as visitas espontâneas, porque o parque fica aberto, mas também aqueles programas ou agendamentos que as escolas da região fazem nos parques. Finalmente uma das unidades mais recentemente criadas, que é o Refúgio de Vida Silvestre, que fica na região noroeste do município de São Paulo. É uma unidade também de proteção integral e nesse caso do nosso refúgio, é uma área municipal, como eu mencionei, que congrega, inclusive, o CeMaCAS. Pode passar, por favor. Ele tem 745 hectares e ele foi criado em parte do que era o antigo parque Anhanguera. Parque Anhanguera era no maior parque do município de São Paulo até pouco tempo atrás, e aí em função de pressões do entorno e da verificação da importância desse território. A área foi transformada parcialmente, 2/3 da área foi transformada numa unidade de conservação, seguindo todo o rito legal, que é o desenvolvimento de um estudo, o processo de consulta pública. E aí o decreto do prefeito sancionando a unidade ainda na pandemia. Pode passar, por favor. Ali a gente traz umas fotos, um pouco de algumas espécies na região, e aqui, um mapinha para a gente ver, ali está em laranjinha a área do refúgio, ali a gente tem alguns destaques já do plano de manejo, que foi recentemente aprovado aqui pelo CADES. O plano é um instrumento fundamental para a gestão, porque ele traz sistematizado todos os levantamentos no diagnóstico, socioambiental da área, levando em consideração o meio biótico, o meio físico, a socioeconomia do entorno, se define um zoneamento interno e externo, então a unidade, eu preciso ver o que é que está em volta. Então eu tenho a zona de amortecimento também para proteger essa unidade, e finalmente, os programas para eu gerir esse parque da melhor forma. E o gestor, seja ele quem for, ele tem aquele instrumento como orientador da gestão dele. Então essa (som ininteligível) do plano de manejo que foi aprovado aqui em setembro. Pode passar, por favor. Esse refúgio está inserido no contexto do corredor ecológico da Mata Atlântica Norte, do Plano Municipal da Mata Atlântica. Ele está num contexto muito importante porque ele está ali próximo ao parque estadual do Jaraguá, que é uma unidade de conservação estadual gerida pela Fundação Florestal, pelo Parque Estadual da Cantareira, pela aldeia indígena Jaraguá. Então tem um contexto de conservação extremamente importante e muito importante destacar que nós consideramos no plano o próprio caminho, da fauna, que foi definido pelo pessoal da Divisão de Fauna Silvestre, num grupo que congregou outros servidores da Secretaria do Verde. Mas o plano trouxe o caminho da fauna ali também estabelecido e aprovado. Então, pela resolução do CADES. Pode passar por favor. E aí as reservas particulares, que são extremamente importantes, são privadas, então partem de um ato voluntário do proprietário, no município de São Paulo a gente tem algumas, na zona sul a gente tem 3, então a gente tem a RPPN, essa é na zona noroeste, foi reconhecida pela Secretaria do Verde no ano de 2011. É aquele fragmento de vegetação extremamente inserido num contexto muito urbano, para vocês verem, do lado esquerdo está a avenida Bandeirantes, do lado direito a avenida Mutinga, por isso que ela se chama avenida Mutinga. Foi uma negociação na época de um secretário, existia a intenção de construir umas Torres de prédio, então os donos da RPPN são os condôminos do prédio. Então, uma área verde super significativa, parece pequeno, 2,5 hectares, mas é maior do que muitos parques

urbanos têm uma importância local e estratégica de regulação climática, diminuição de ilha de calor, enfim, antes a gente tivesse uma RPPN por distrito da cidade de São Paulo. Pode passar, por favor. Ai a gente já vem para a zona sul, então a gente tem outra RPPN, mais recentemente reconhecida pela Secretaria do Verde, em 2022, ela já tem uma área bem significativa, 93 hectares aí maior do que a maior parte dos parques urbanos. Ela é contida no parque natural Jaceguava e é uma área estratégica ali, naquele contexto do corredor sul da mata Atlântica. Pode passar, por favor. A gente tem também inserido no contexto da APA Capivari Monos, a RPPN mata virgem. Ela é pequenininha, mas não menos importante, 1,5 hectares e ela foi reconhecida pela Fundação Florestal. A mais antiga delas, a mais antiga do município, datada de 95, reconhecida pelo ICM, pelo Ibama, ainda não existia ICM, ali a gente traz aquele senhorzinho, é o patriarca da família, as suas filhas, que continuam até hoje gerindo a unidade. Foi um dos primeiros conselheiros da APA Capivari e a gente tem um levantamento de fauna e flora ali riquíssimos reintroduções de fauna pela divisão de fauna nessa área, superprotegida e cuidada por essa família que cuida da área e ela tem 10.89 hectares. Pode passar, por favor. Agradeço a todos a apresentação e peço desculpas pela extensão.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Belíssima apresentação Anita. Acho que não tem nem comentários aqui da nossa parte, né, Carlos, porque está sensacional. Então eu passo então a palavra aos nossos conselheiros e conselheiras, caso queiram se manifestar, tirar alguma dúvida com a Anita sobre a belíssima apresentação que ela explicou muito bem. E parabéns pelos conselhos ativos, a Anita e Lucas, que isso é uma parte primordial que a gente preza aqui na Secretaria do Verde, ter os conselhos e a cada 2 anos esse aí vocês. Quero agradecer imensamente pelo apoio que vocês estão tendo aí. Maria de Fátima que ela propôs, essa apresentação vou dar a palavra para você, Maria de Fátima, por favor.

Maria de Fátima Saharovsky: Bom dia a todos, fico assim, bem realizada de ter essa fala nossa através da Anita e do Lucas, por tudo que nós aqui no extremo sul temos e devemos cuidar e conservar. As dificuldades são imensas, a pressão é grande, mas nós temos uma meta de conservar esse magnífico patrimônio natural, que eu digo até que é da humanidade, por ser mata Atlântica, por estar entre mananciais de produção de água Billings e Guarapiranga. Por ter essa magnífica biodiversidade que ainda nos resta em São Paulo. E que nós possamos cada vez mais fortalecer os nossos conselhos, porque eu acho que os conselhos, eles criam um fortalecimento para essa conservação e para, inclusive, a sustentabilidade local e de São Paulo. Envolve o turismo, envolve a produção de água, envolve as populações carentes que habitam essa região e que tanto temos que ter um olhar voltado para essa população, principalmente para as crianças e adolescentes que residem, habitam essa área e necessitam muito de uma sustentabilidade local. Que acho que o ecoturismo irá trazer, está trazendo, que esses novos postos, de serviços estão sendo propostos, de agricultura também e tanta coisa é um universo imenso que deve ser conhecido pela população, pela pelas outras secretarias pela prefeitura. Existem também, eu quero citar como conselheira que nós temos inúmeros projetos dentro dessas áreas, esperando muito por um apoio, desde a parte do plano de manejo até projetos, pesquisas científicas que devem ser implantados, mas necessitam de recursos. Então é muita coisa, é muito grande e o que eu sinto de urgência é que nós devemos ter uma agenda ambiental na cidade pra dar publicidade a tudo o que está acontecendo nos territórios das UPS, dessas unidades de conservação, dessas APAs dos Refúgios de Vida Silvestre, da RPPN do nosso município, de todas as reservas Tupi guaranis, que estão inseridas nesse contexto, digo também que todos esses programas da mata Atlântica e dos mananciais, das bacias, dos comitês e conselhos de bacias devem ser também tratados com maior seriedade para que a gente possa manter todas essas unidades que estão importantíssimas para nosso território. Muito obrigada Anita e Lucas por essa brilhante apresentação que sempre nos enriquece muito e nos trazem sempre que nós assistimos novos repertórios, muito obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Maria de Fátima. Anita quer comentar? Lucas, você quer complementar?

Anita Correia de Souza Martins: Eu só queria mencionar que é graças a pessoas assim, que acreditam de verdade, na conservação, que estão no território e que dedicam o seu tempo, como a Fátima e tantos outros, é que também vale a pena a gente continuar. Então, Fátima, agradeço você por sempre dar um voto de confiança ao nosso trabalho, estar lá às vezes criticando, reclamando, porque é fundamental essa relação, da sociedade, exigindo do poder público a implementação efetiva das políticas públicas.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Anita. Temos agora o nosso conselheiro José Ramos, por favor. Sr. José Ramos.

José Ramos de Carvalho: Olá, bom dia, Anita. Parabéns pelo trabalho, desde sempre pela essa conservação importante para a cidade de São Paulo. A pergunta que eu vou te fazer, Anita, é, porque nós sofremos aqui na Serra da Cantareira, todas as invasões possíveis, até a chegada do Rodoanel para ser uma espécie de figura física, para quê, não subissem, as invasões, os loteamentos Serra acima, como estava ocorrendo antes da instalação do Rodoanel. Agora nós estamos a véspera da audiência pública sobre

transporte hídrico nas represas e eu também atuo na parte de bacias hidrográficas aqui do alto Tietê e a proteção dos mananciais. Então a minha dúvida com relação a essa audiência pública, que vai abrir transporte público é junto das represas. Se vai ter algum tipo de interferência, diante das APAs e de toda essa proteção. E como a gente deve agir enquanto conselheiros aqui do CADES, para que a gente possa ter um entendimento e repassar também, dentro das nossas instituições, o que de fato vai ser aberto, o que de fato vai ocorrer, justamente para não acontecer o que aconteceu exatamente aqui na Cantareira, quando teve que fazer uma obra drástica para conter essas invasões. E loteamento os outros, tanto é que Guarapiranga e Billings acabaram sofrendo na época e você conhece muito bem toda história e de como a gente tem que proteger e, até como participar dessa audiência pública tendo uma visão mais ampla do conhecimento aqui da Secretaria do Verde? Seria essa a minha intenção com você. Se você pode auxiliar nesse contexto aí.

Anita Correia de Souza Martins: Obrigado, Sr. José Ramos, pela sua pergunta. Nós não estamos conduzindo a audiência pública, é uma obra de outra Secretaria, mas por força da legislação federal, da lei 9985 de 2000, SNUC, as unidades de conservação precisam ser consultadas, por meio dos seus conselhos ouvidos. Então a gente se manifesta nesse processo de licenciamento. A semana passada houve uma reunião conjunta, das 2 áreas de proteção ambiental. O projeto foi apresentado pelo empreendedor e, evidentemente, a gente elabora uma manifestação, colocando alguns condicionantes, exigindo algumas coisas, ponderando outras. Então há todo um processo participativo de inclusão desses conselhos e manifestação formal que constam do processo de licenciamento. Então não vai ser algo que não passará pelo nosso olhar, uma obra prioritária, houve uma apresentação no CADES, inclusive, eu estava nessa reunião, eu entendo como importante sim, a gente tem uma matriz energética e um sistema de transporte totalmente focado no transporte individual, super poluente, que impacta com os gases do efeito estufa drasticamente a questão das mudanças climáticas. Então eu acho que todas essas outras formas menos impactantes, o transporte fluvial, o transporte que seja por meio de trilhos. Eu sempre acho interessante, nós municípes, enquanto municípes ou funcionários, à frente da gestão dessas unidades. Temos que requerer todos os cuidados necessários para que não existam impactos na fauna e tal. Então, o pessoal da divisão de fauna quando chega no conselho, a gente também encaminha todos esses projetos para eles e é feita uma análise. Mas só para deixar claro para o senhor que a organização dessa audiência pública, a condução e a responsabilidade pelo estudo do que foi feito, não é da Secretaria do Verde, é a Secretaria SPTrans. Então só para dizer para o senhor que a gente vai se manifestar através dos conselhos das UCS, principalmente das 2 áreas de proteção ambiental e as divisões de fauna e herbário, solidariamente, porque a gente encaminha para eles para que eles olhem especificamente essas temáticas. E a questão da fauna tem um impacto, por conta das aves. Então isso vai ser olhado também.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Anita. A Janaina está aqui conosco na nossa reunião. Você quer falar algo, Janaina, por gentileza. Só para você dar ênfase.

Janaina Soares Santos Decarli: Olá, bom dia.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Bom dia Jana, tudo bem?

Janaina Soares Santos Decarli: Bom dia, tudo bem. Eu agradeço a Liliane por mencionar. A gente está percorrendo o caminho do licenciamento. É importante dizer que agora as audiências públicas que vão ocorrer são para aprovação do Plan Hidro, que é o Plano Hidroviário. Que vai estabelecer exatamente as medidas de controle, os ritos e como deverá ser esse sistema de transporte hidroviário no município. Então, essas audiências estão sendo conduzidas por SMUL, assim como o PDE, é assim como o PROMOB foi. E aí, tão logo aprovado o Plan Hidro, a gente já vai começar a observar todos os quesitos e todos os componentes que serão necessários resguardar e atender para o licenciamento das próximas fases do transporte aquático. Mas agora, atualmente as audiências é para aprovação do Plan Hidro e eu acho muito rico a participação de todos, a gente ajuda a divulgar porque eu acho que a contribuição e a colaboração são fundamentais para a riqueza desse plano e dos projetos que viram em função dele. Obrigada mais uma vez.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Janaina. Sanou sua dúvida, né, Sr. José Ramos, por favor. Diante disso, a Anita, Lucas, e não tendo mais delongas aqui, não temos mais perguntas. Quero agradecer imensamente a nossa conselheira Anita, o nosso técnico Lucas e fica aqui o nosso convite para estar participando conosco na nossa reunião de hoje. Bem, Anita, porque já é a nossa conselheira, então, nosso convite. Passando então para o segundo ponto do expediente: Liberação da normativa do CONSEMA 01/2024, foi fixado uma tipologia para licenciamento ambiental municipal, de empreendimentos e atividades que causem ou possam causar impacto ambiental em âmbito local. Nos termos do artigo do inciso 14, da linha A, da Lei complementar federal 140/2011, faz-se necessária a revisão da resolução CADES 207/2020, para adequação da nova deliberação. Isso é muito importante na nossa reunião de hoje. Que eu preciso estar informando isso com vocês, então, para tanto essa portaria 07/09/2024, foi publicada no documento no dia 05/09/2024. Foi instituído um grupo de trabalho com o DAIA/GTANI que é a coordenação do CLA, que a Erica e Juliano são diretores, para

propor a revisão da resolução do CADES 207/2020, que dispõe sobre a competência do município da cidade de São Paulo, para o licenciamento ambiental, nos termos da Resolução CONAMA, número 237, de 1997. Então, para passando para o segundo ponto do expediente, eu chamo então agora a nossa supervisora técnica, a Erica, que é do DAIA/GTANI, para estar explicando as maiores informações sobre o caso. E diante disso, nós vamos criar uma comissão técnica do CADES para ser aprovada em dezembro essa resolução. Então eu passo a palavra para a Erica, por favor, Erica, para dar maiores informações, por favor, obrigada.

Érika Valdman: Bom dia a todos, estão escutando? Então, na verdade é só para a gente, comentar, como vocês já devem saber com a deliberação normativa 01/ 2024. Vieram novas atribuições nos municípios de São Paulo e a gente precisa então atualizar a nossa resolução CADES 207/2020, para que ela passa também a incorporar esses novos empreendimentos e atividades, foram incorporadas mais 40 atividades industriais, aproximadamente, e algumas outras atividades não industriais que nós devemos licenciar no município. Então a gente precisa inclui-la na CADES. Com isso, então, a gente fez um grupo de trabalho para rever isso na parte técnica e já está pronto esse parecer. E a gente gostaria de apresentá-lo nessa comissão, do CADES, para haver uma discussão maior desta resolução. Foi basicamente a proposta para incluir essas novas atividades e para ajustar alguns artigos que não estavam muito bem escritos, então ficavam muito bem claros para os técnicos poderem utilizar. Então algumas mudamos algumas coisas, mas basicamente a importância dela é para incluir. A gente precisa que isso seja, que a CADES seja atualizada, para a gente poder ter essa competência realmente de licenciar essas novas atividades. Então aí na Câmara técnica, na comissão, nas reuniões da comissão, eu posso explicar um pouco melhor, tem um parecer todo embasado nisso. Então acho que é isso, é uma apresentação, se a gente tiver alguma dúvida, mas basicamente é essa a nossa necessidade fazer isso esse ano. Quer dizer, deveríamos ter feito, né? E por questão de agenda também do CADES, a gente acabou deixando então para a última reunião do ano. Então acho que é isso, se a gente tiver alguma, um questionamento, alguma coisa.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Erika, então assim seria, vamos criar uma comissão especial, Erika, que nem nós criamos da Anita não, da Rosélia, da Laura. Está então assim, a Câmara técnica já é de pauta, já de lei. Então nós vamos criar uma comissão especial para tratar da resolução número 207CADES2020. Está bem? Aí aos devidos conselheiros e conselheiras, a Neusa vai encaminhar um e-mail específico dessa comissão, pedindo apoio de vocês para quem quer participar da comissão. Aí nós vamos passar para a Érika o nome dos conselheiros ali, das conselheiras que queiram participar. A Érika vai se reunir com vocês para ela estar fazendo essa demonstração, aprovando junto com vocês, pedindo também informações, pedindo sugestão. Né, Érika? E aí nós vamos a fazer aprovação na reunião do CADES no dia 11 de dezembro, para não ficar, espera, deixa eu só aceitar o Sr. José ramos que ele sempre participa dessas comissões. Então aí seria muito importante vocês já se manifestarem no e-mail, já que vai ser enviado hoje, para eu já estar passando isso para a Érika para ela, já marcar a primeira data da reunião, que seria já para a próxima semana, né, Érika? Para fazer essa resolução, né?

Érika Valman: Seria importante sim, para dar dá tempo hábil de se houver alguma discussão, dá tempo para a gente poder fazer isso. Já para semana que vem.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Temos alguma pergunta ou não, eu posso passar para o terceiro ponto? Então nós vamos colocar em votação a criação da comissão especial da alteração da resolução número 207, Cades de 2020, colocando em votação. Então está aprovada a criação da comissão especial, a alteração da resolução do número 207, Cades de 2020. Então, após a nossa reunião de hoje, nós vamos passar o e-mail com a explicação certinho para os nossos conselheiros e conselheiras, quem tiver interesse de participar conosco na criação da comissão especial, aí nós vamos já incluir eles. Está bem? Obrigada, Érika, obrigada, Juliano. E passamos então para o terceiro ponto do expediente: Apresentação da estação meteorológica de controle de municípios da cidade de São Paulo, que é o CGE, Sistema de Gerenciamento de Emergência da SIURB pelo senhor Hassan. Tudo bem, Hassan?

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Oi, Liliane. Bom dia, bom dia a todos. Estou bem, graças a Deus. Tudo bem.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Muito bem-vindo a nossa reunião de hoje, quero agradecer imensamente você e agradecer o Sr. José Ramos, por essa apresentação que hoje será fundamental para a gente hoje aqui, né?

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Espero que sim.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Sim, as nossas mudanças climáticas. Seja sempre bem-vindo por aqui. Sua apresentação está com você ou você quer que a gente faça por aqui?

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Pode passar por aí, por favor.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Nós

vamos colocar aqui em tela para você.

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Está bom, obrigado.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada você, seja muito bem-vindo.

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Um prazer. Bom dia a todos. O Centro de Gerenciamento de Emergências da prefeitura de São Paulo. Hoje ele é uma referência no que diz respeito ao monitoramento dos eventos danosos que a chuva forte causa na cidade de São Paulo. Então, esse centro ele foi criado em novembro de 1999. E atua hoje linkado a SIURB, a SIURB é a Secretaria a qual nós respondemos, mas entendemos também que o CGE ele é multi secretarial, porque a gente, é só por uma questão de trabalhos que são desenvolvidos pela Fundação Centro Tecnológico Hidráulica da USP, que desenvolve uma série de trabalhos. Então, o CGE ele é apenas a ponta do iceberg desse contrato que a fundação tem com a prefeitura de São Paulo. Como é que eu faço para mudar aqui? Liliane. Ah, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: A gente está mudando por aqui, aí você só vai dizendo quando pode mudar? Obrigada.

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Está ótimo, imagina, eu que agradeço. Então, vejamos, nós estamos aí hoje, a cidade de São Paulo, ela se encontra hoje, é numa latitude entre 20° e 40°, que é uma área extremamente vulnerável ao clima severo, às questões de chuva. E se você for observar, por exemplo, nesse período agora, no período de novembro até março, nós temos aí ocorrências de chuva extremamente fortes na cidade de São Paulo, para que vocês tenham uma ideia, só no mês de novembro chove há aproximadamente 27 dias, ou seja, 27 dias do mês de desculpa, de janeiro, é o mês mais chuvoso na cidade de São Paulo, onde a gente consegue observar os maiores acumulados. Então, a nossa ideia é monitorar essa chuva e o nosso monitoramento ele não fica restrito ou com o olhar apenas para a cidade de São Paulo. Nós olhamos, por exemplo, no extremo sul do país, quando as frentes frias já começam a se desenvolver, já começam a encaminhar os nossos meteorologistas, técnicos que nós temos aqui no centro de gerenciamento de emergências, já começam a observar o desenvolvimento dessa chuva ou dessas áreas de instabilidade que se encaminham para a cidade de São Paulo para que a gente possa emitir um alerta para que a defesa civil, a CET todos os órgãos, CECLIMA, todos os órgãos que participam do plano preventivo chuva de verão possam através de uma reunião que sempre é antecedem esses eventos, ou seja, normalmente, entre agosto e setembro, nós nos organizamos com as diversas secretarias para um plano justamente nesse período, porque nós entendemos que hoje na cidade de São Paulo, o que mais impacta é a chuva. Então, a chuva, ela restringe o ir e vir das pessoas, ela causa um prejuízo econômico muito grande para a cidade de São Paulo. Por isso que nós estamos na SIURB, por conta desses dados que nós coletamos já desde 1995, nós temos dados aí, quase que históricos na cidade de São Paulo, de acumulado de chuva por subprefeitura. Isso dá um balizamento para que a SIURB possa projetar e canalizar ou até mesmo colocar ou instituir piscinões para que possam aliviar toda essa situação. Vejamos que a cidade de São Paulo é uma cidade extremamente impermeabilizada. A gente pode observar que é muito asfalto, concreto e consequentemente isso, faz com que as chuvas quando elas acontecem naquele período. A chuva forte que acontece naquele curto espaço de tempo, ela causa danos extremamente complicados para que a própria prefeitura, possa lidar com isso. Então, com uma antecedência a gente pode se organizar para que a prefeitura tenha aí os mecanismos para poder atender a população, se ela achar necessário. Podia passar o próximo, por favor. Então vejamos, quando a gente vai falar, quando nós falamos de tecnologias hoje, o centro de gerenciamento de emergências climáticas da prefeitura de São Paulo, ele está sediado, na central de operações da CET. Porque, no nosso entendimento, a CET é o único órgão da prefeitura que funciona, no preventivo, porque quando você emite o alerta, os agentes de campo da CET deixam de fazer o que normalmente fazem e vão até os pontos previamente conhecidos de alagamento com cone, cavalete, para poder obstruir os principais corredores, para que as pessoas não venham a correr risco de morte por conta de uma enchente ou de uma grande inundação na cidade de São Paulo. E se nós formos falar, por exemplo, das tecnologias, hoje nós temos as tecnologias de ponta para poder fazer esse monitoramento, imagens de satélite, radar meteorológico, outro radar meteorológico de banda x, que está instalado mais na zona sul da capital, ou seja, 2 radares, além dos radares da Unesp, do Paraná que a gente acaba acompanhando isso, mas quando ele entra num raio de detecção do nosso, do radar que a fundação opera, e aí a gente consegue observar e emitir o alerta com grande precisão. Modelos numéricos de previsão, estações meteorológicas automáticas espalhadas na cidade de São Paulo. Hoje, 29, preciso atualizar esse meu slide, METAR, que são as informações meteorológicas dos aeroportos. Então todas as informações meteorológicas dos aeroportos de qualquer parte do país nós acompanhamos para que a gente possa entender melhor o encaminhamento dessas chuvas intensas para a cidade de São Paulo. Rádio sondagem, uma rede telemétrica hoje que gira em torno de 150 pontos de medição dentro da cidade de São Paulo. E isso inclui linígrafos e pluviômetros, ou seja, linígrafos para medir a altura do Rio, de um córrego à medida que a chuva acontece nesta bacia, para que a gente possa antecipar o alerta para que os

órgãos da prefeitura possam chegar com maior precisão assim evitando danos maiores. Uma rede pluviométrica também em cada subprefeitura, nós temos um ponto de medição na cidade de São Paulo e câmeras em pontos de alagamento. Tanto que aqui dentro da CET, na central de operações da CET, existem mais de 300 câmeras de monitoramento do trânsito, do qual a gente acaba usando, para que a gente possa entender ou que a gente possa observar a dimensão daquele alagamento ou a dimensão daquele transbordamento quando isso acontece na cidade de São Paulo, para otimizar as ações da prefeitura e os órgãos que possam trabalhar nessa questão, seja desobstruindo a micro drenagem, que são os bueiros, que normalmente eles ficam com lixo. Por que acontece isso? Se você imaginar, por exemplo, uma grande avenida na cidade de São Paulo, vamos imaginar, por exemplo, a 23 de maio, se cada carro, num espaço de 100, 200 metros, jogar um papelzinho de bala pela janela ou uma bituca de cigarro, quando chove a chuva funciona como se fosse uma grande vassoura, hidráulica. E ela carrega tudo isso para os bueiros, para a boca de lobo, consequentemente, isso com o passar do tempo, isso causa um tamponamento e, consequentemente, às vezes acontece um alagamento que a gente não estava acostumado a ver justamente por conta disso. Então isso é apenas um exemplo do que a gente consegue observar. Então, se vocês observarem nesse slide que eu estou mostrando agora para vocês, as tecnologias nós temos hoje é tecnologia de ponta, ninguém tem isso, se a gente for observar, por exemplo, os principais órgãos que trabalham nessa área, eles dificilmente vão ter toda essa rede de monitoramento que nós temos hoje na cidade de São Paulo. São Paulo hoje serve de exemplo, por exemplo, para as várias capitais, o Rio de Janeiro, quando montou o centro de controle operacional integrado deles, eles vieram conhecer primeiro o nosso centro aqui para poder montar o centro deles. Então, ou seja, nós somos referência, para o Brasil todo e para alguns países, a gente recebe visitas de vários países, da América do sul, da Ásia, da Europa. Então, a gente já teve essa oportunidade de trocar informações e trocar experiências. Lógico que a gente precisa entender que cada região ela tem uma peculiaridade, ou seja, cada um tem um, problema específico que às vezes não dá para pegar essa mesma fórmula e transferir para uma outra região qualquer. Então precisa de uma área de estudo, até porque nós somos técnicos que trabalhamos aqui. Hoje, o CGE conta com meteorologistas, técnicos e monitoramento, assessoria de imprensa e engenharia, então nós temos aí um mix de profissionais que trabalham para poder passar uma informação precisa e segura aí, tanto para a população quanto para prefeitura. Podia passar o próximo, por favor. E aí vocês podem observar, por exemplo, que nesse mapinha que a gente está mostrando é onde se localizam as nossas estações meteorológicas automáticas, vejamos que nós temos algumas estações meteorológicas fora da cidade de São Paulo, no ABC, por exemplo. Por quê? Porque toda chuva que acontece no ABC, ela impacta a cidade de São Paulo. Se tiver uma chuva forte, em Santo André, São Bernardo, São Caetano, Mauá, ou seja, essas regiões, todo esse volume de água, ele tende a ir para dentro da cidade de São Paulo. O principal veículo, é o Tamanduateí, que leva e o Oratório também, que leva aí grande volume de água, causando enchentes já dentro da cidade de São Paulo e já aconteceu, por exemplo, de nós termos um transbordamento no Tietê, em dia de sol, por quê? Porque havia uma chuva muito forte na região de Poá e de Itaquaquecetuba, e de repente a água subiu e felizmente nós conseguimos observar isso com antecedência e as viaturas da CET puderam ir a tempo bloquear aquela pista que estava inundada naquele momento. Então aí ó, eu mostro para vocês uma imagem de radar, se vocês observarem essa imagem que já tem uma coloração, já tem várias colorações, ali ela mostra, por exemplo, a chuva, o sentido da chuva, é a linha que está mostrando o sentido da chuva. Então você veja que uma grande área de instabilidade no interior, na região de Sorocaba, e Piracicaba, já se encaminhando para a cidade de São Paulo, isso demora a aproximadamente 2 horas para chegar na cidade de São Paulo e a gente consegue antever isso e emitir o alerta para que as pessoas possam se organizar melhor. Ou seja, o plano preventivo chuvas de verão, que é gerenciado pelo CECLIMA, e operado pela defesa civil da cidade de São Paulo, tem grande êxito. Porque se vocês observarem, nós temos grandes volumes de chuva aqui e felizmente, praticamente não temos morte, por conta disso, haja visto que há regiões, por exemplo, que há inundação dentro da casa das pessoas de 1 metro, chegando até a 2 metros de altura, com certeza a defesa civil, tanto a defesa civil da nossa capital quantos os (som ininteligível), que são aqueles que trabalham na subprefeitura, já tem mapeado isso e eles conseguem emitir um alerta para as pessoas para que elas possam se prevenir, ou melhor dizendo, reunir toda a documentação que elas precisam de repente, para não ser pega de surpresa, por conta de um grande evento que possa vir a acontecer. No último período de chuvas intensas que nós tivemos o ano passado, 2023, 2024, infelizmente nós tivemos uma morte, de uma pessoa que foi carregada por um córrego na cidade de São Paulo. E a gente observa que às vezes as pessoas, elas não acreditam no alerta que é dado e elas tendem a enfrentar, as vezes aquela enxurrada é uma observação que a gente faz. Por exemplo, sempre que nós temos a oportunidade de poder estar falando na imprensa, é dizer para as pessoas, olha, se tiver uma enxurrada, se você for atravessar de um lado para o outro de uma rua, não faça isso, porque se você se desequilibrar e cair na enxurrada, você será carregado por essa enxurrada e não tem onde se agarrar e ela vai parar onde embaixo de um carro estacionado e ali a pessoa vem a perder a sua vida, então, a gente já teve casos desse tipo na Vila Leopoldina, por exemplo. Isso já há 7, 8 anos atrás, aproximadamente, mas que a gente tem observado que a população tem dado muita atenção aos alertas que o CGE emite hoje na cidade de São Paulo. Próximo, por favor. Agora, eu acho que aí é um vídeo. Dá um clique para mim, por favor, que ele vai mostrar o desenvolvimento dessa chuva. Será que não? Que não vai rodar? É bom, enfim, vamos

então mostrar aqui para vocês, por exemplo, essa é uma imagem de radar e ele não está mostrando chuva nenhuma. Quando ele mostra essa seta, significa que em algum lugar dessa área que ele não está enxergando e esse raio mais.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Hadir, agora foi aqui. Está conseguindo ver aí?

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Aqui não chegou para mim.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: É que nossa internet está um pouquinho fraca. Mas aqui para a gente já está. Está mostrando sim.

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Ótimo. Agora aparece a chuva e em vários pontos da cidade. Olha como ela se desenvolve todo esse colorido, que vocês estão observando nessa imagem, é chuva. Então vocês podem observar, por exemplo, que existe uma barra de cores logo em baixo, mostrando o potencial dessa chuva, da cor mais fria para a cor mais quente, significa que é da chuva leve até a chuva mais forte, sendo que o roxo, por exemplo, a coloração roxa indica granizo. Então a gente tem esse tipo de informação, isso é uma imagem recuperada, que nós fizemos uma animação para mostrar para vocês que teve nesse dia, foi no dia 9, dia 08/09/2009, muita chuva na cidade de São Paulo e várias áreas de instabilidade uma atrás da outra, com o potencial de granizo. E com isso essa ferramenta possibilita que a gente possa fazer aquela previsão de curtíssimo prazo, porque a previsão normalmente ela acontece com 24, 48 ou 72 horas. Mas quando a chuva entra no raio de alcance, no raio divisão do radar, a gente consegue antever e antecipar, porque o direcionamento dessa chuva ela leva, por exemplo, para impactar a cidade de São Paulo. Então, isso a gente faz com que todos os órgãos que já estão previamente avisados, já sabem o que fazer no momento de chuva. Até porque o CGE tem um sucesso nessa área, porque ele tem a autonomia para decretar os estados de criticidade. Ou seja, ele começa a partir de novembro em observação, ou seja, a gente está observando e olhando para o céu o tempo todo, 24 horas e, o estado de atenção quando a chuva é intensa e ela tem potencial para alagamento, o estado de alerta que aí significa que já tem alagamento e transbordamento de Rio e córrego na cidade de São Paulo. E o alerta máximo, que aí seria uma calamidade pública, alguma coisa que teria que ser decretado pela defesa civil, porque aí envolve recursos estaduais e federais. Então isso em São Paulo dificilmente vai acontecer, espero eu que não, a gente nunca tenha esse problema, até porque o relevo de São Paulo ele não permite, que de repente você fique com a cidade toda alagada, uma vez que nós temos mais de 1.500 km². Então é muito difícil isso acontecer hoje na cidade de São Paulo. É bom frisar também que o centro de gerenciamento de emergências da prefeitura de São Paulo, ele funciona 24 horas os 365 dias do ano, então nós temos aí uma equipe que ela atua 24 horas, ou seja, nós estamos aqui o tempo, todo final de semana, Natal, Ano-Novo, todos os feriados trabalhando aqui, com uma equipe bastante reduzida. Hoje nós somos. Em 10 pessoas, 10 profissionais para poder fazer esse sistema virar 24 horas. A próxima para mim, por favor. A gente pode observar, por exemplo, que São Paulo sofre com alagamento por conta da grande impermeabilização do solo, um grande volume de água que cai, num curto espaço de tempo, normalmente a micro drenagem, que é os bueiros, eles não dão conta para aquele volume todo. Mas a partir do momento que a chuva para rapidamente, a água escoar, desde que essa micro drenagem não esteja obstruída. Bom frisar que a prefeitura tem feito um bom trabalho em cima disso, ou seja, ela tem feito uma limpeza constante das áreas mais afetadas da cidade de São Paulo. E o último período chuvoso, que se a gente pode observar, o que mais chamou atenção foram as quedas de árvore, que aí evidenciou, por exemplo, aquele problema da prefeitura com a Enel. A prefeitura chegava no lugar e tinha que desligar a rede para poder cortar a árvore, e liberar a via ou até mesmo, às vezes, quando a árvore caía sobre a casa das pessoas. Então a gente chamou muito atenção que no dia 03 de novembro do ano passado. Nós tivemos aí mais de 1.500 árvores, num único dia, caídas na cidade de São Paulo, então foi um esforço tremendo. E agora recentemente, mais no mês de outubro, né, nós tivemos também um evento que caíram várias árvores na cidade de São Paulo, porém, esse vento, essa rajada de vento foi mais concentrada ali na zona sul da capital, porque foi registrado 107 km no aeroporto de Congonhas e 107 km é uma velocidade muito grande, haja visto que se a gente observar que a chuva caindo, mesmo que não seja um grande volume de chuva, ela vai causar um sobrepeso na árvore, e a árvore ela já tem parte das raízes confinadas numa calçada, ela praticamente perde o equilíbrio. A partir do momento que vem um vento desse derruba, pode ser até um vento menor, com a metade dessa velocidade vai cair árvore na cidade de São Paulo. E ainda tem um outro agravante, São Paulo tem uma quantidade enorme de prédios, e de repente, esse vento, ele entra entre esses prédios, canaliza por ali, potencializando aí a sua, o seu poder de destruição. Então nesse período agora a gente está esperando aí uma chuva. Eu até vou falar mais sobre isso no próximo slide, mas a gente está esperando chuvas mais dentro da normalidade com esse fenômeno que deve vir com uma intensidade fraca na cidade de São Paulo. Próximo, por favor. Olha, para vocês observarem ali em vermelho, nós temos o que é esperado de chuva acumulada na cidade de São Paulo, no último período chuvoso nós tivemos isso ultrapassado, se a gente olhar novembro, nós ficamos ali praticamente dentro da média, deu 141 mm e esperado 137,7 mm. No mês de janeiro já choveu bastante, tanto que nós tivemos o maior índice de pontos de alagamento na cidade de São Paulo. Importante dizer e frisar que nós temos um banco de dados aqui, tanto para chuva quanto para ocorrência de alagamento, riquíssimo, que ele serve de base aí para instituições

de ensino, para SIURB, para poder fazer os projetos de canalização. Porque agora dá para saber, por exemplo, quando chove naquela região, para que se possa fazer um projeto, adequado a um projeto que possa atender minimamente aí a população da região, no que diz respeito às obras estruturais, que é a canalização de córrego ou até mesmo reforma de galerias. Próximo, por favor. As ocorrências de alagamento, se vocês puderem observar, e aqui é um dado interessante, porque o que está em abóbora, é a média que acontece na cidade de São Paulo e no último período chuvoso, está em azul e se vocês observarem bem, ele está abaixo da média e choveu bastante, nós olhamos no slide anterior, que o mês de janeiro superou e muito a nossa média esperada. E vejamos que a ocorrência de alagamento para o mês de janeiro foi abaixo do que era esperado, isso dá para a gente fazer aí uma análise bastante importante. Ou seja, o trabalho que a prefeitura vem desenvolvendo nessas áreas que sofrem com alagamento ou que sofriam com alagamento, mesmo a limpeza de micro drenagem está aí, mostra que o número de ocorrências diminuiu bastante na cidade de São Paulo. Lógico que todo mundo vai lembrar daqueles pontos mais graves, aquele que o Datena adora mostrar, então tem essas coisas que às vezes fica mais viva na memória, mas se você, a gente for olhar os históricos e o banco de dados que nós temos, realmente isso aí caiu bastante na cidade de São Paulo e a tendência é justamente essa, até porque o alagamento vai acontecer de qualquer forma, mas a ideia é que as galerias estejam desobstruídas para que quando pare de chover, ele rapidamente esco. Por exemplo, se você analisar na pia da sua casa, quando você vai lavar a louça e abre a torneira no volume máximo, o que vai acontecer, ele vai encher de água ali ele vai alargar, até porque o ralo não está dimensionado para receber tanta água, para você lavar uma louça. Mas se você abrir a torneira meia sessão, você vai conseguir lavar a louça e não vai formar o alagamento. Então, é justamente isso que acontece na cidade de São Paulo. A chuva acontece de uma forma muito pontual e forte. É aquelas chuvas que a gente chama aí é mais conhecida, popularmente como chuvas de verão, que são aquelas chuvas que acontecem sempre num dia quente, no período da tarde, quando a gente olha para o céu e vê aquelas nuvens de coloração bastante cinzas, e ali poderá ocorrer. E é muito simples, basta você olhar para o céu num dia de calor e onde tiver uma nuvem que tenha um desenvolvimento alto, ou seja, uma base e um topo muito altos. Ela tem muita condição para se transformar numa chuva típica de verão, ou seja, aquela tempestade. E ali além disso, ainda tem alguns ingredientes, por exemplo, a brisa marítima, aquela umidade que vem do oceano para o continente, quando bate nessas nuvens, ele potencializa, né, essa condição de chuva. Então, a gente tem observado, por exemplo, que principalmente ali na zona norte e na zona leste, que são áreas mais quentes na cidade de São Paulo, elas tendem a ter maiores ocorrências desse tipo de chuva. Próximo, por favor. E aqui eu mostro para vocês, uma imagem, mostra exatamente o La Niña, ou seja, que é o oceano pacífico. E se vocês observarem essa coloração azul, significa que essa parte do oceano está resfriando, ou seja, quando é El Niño, significa que nós temos um aquecimento do pacífico, quando é La Niña é um resfriamento do pacífico, ou seja, a evaporação daquela água que de repente poderia causar grandes chuvas na cidade de São Paulo, não vai acontecer. Ou seja, melhor dizendo, vai acontecer a chuva sim, mas o Rio Grande do Sul, por exemplo, deverá ter aí condições melhores de chuva, ou seja, mais seca do que chuva e a região norte e nordeste vai ter mais chuva. Como São Paulo está nessa linha limitrofe para nós, tanto faz. Se é El Niño ou La Niña, né? O que diferencia um pouco é o La Niña, além das condições de chuva, são as temperaturas. A gente sabe que El Niño tem temperaturas mais altas, nós podemos observar que no último verão nós tivemos temperaturas bastante altas na cidade de São Paulo. As médias altas, e La Niña, nós vamos ter temperaturas aí quando chega o verão mesmo na casa de 28 até 30. El Niño já varia de 30 a 34. Então essa é uma das diferenças que acontecem. Próximo, por favor. Então, se vocês observarem, nós somos aqui campeões quando a gente fala em termos de chuva, porque São Paulo realmente tem normalmente, normalmente acontece na cidade de São Paulo, em média 900 ocorrências de (som ininteligível) principalmente naquele período entre novembro e março. Então, novembro e março, o plano preventivo de chuvas de verão, o PPCV, ele vai funcionar 24 horas com todas as secretarias aí envolvidas com o plano. E aí eu digo mais ainda, todas as secretarias estão envolvidas, SIURB, transportes, CECLIMA, defesa civil, SMADS, Secretaria da Saúde. Então, ou seja, todo mundo envolvido, porque de alguma forma eles têm uma contribuição aí para atender a população, se assim for necessário. Hoje, felizmente, o nosso alerta está sendo bastante seguido, principalmente pela população. Isso nos deixa bastante feliz, até porque quando nós detectamos a chuva e colocamos um estado de criticidade, seja um estado de atenção, automaticamente as principais emissoras de rádio e TV elas abrem canais para que os nossos técnicos possam orientar a população e dizer para elas sobre a questão da chuva, se ela vai dar problema, se ela vai passar rapidamente, ou seja, então sempre uma informação útil, com o carimbo da prefeitura. A população tem entendido bem e isso nos deixa bastante feliz, lógico que a gente procura sempre preservar a vida das pessoas. Então, gente, era mais ou menos isso que eu tinha para falar para vocês, mostrar para vocês de uma forma bastante rápida essas tecnologias que nós temos hoje na prefeitura de São Paulo. E a gente está sempre numa melhoria contínua para que vocês tenham uma ideia, tudo que surge de novo nessa área, a gente consegue implantar aqui na cidade de São Paulo. É por isso, né, que nós somos referência aí hoje para o Brasil inteiro. Então esse trabalho nosso é voltado para a população de São Paulo e auxilia demais a prefeitura, no que diz respeito ao atendimento à população quando ela é atingida por essas inundações. Não podemos esquecer que essa cidade de São Paulo é uma grande várzea. Para vocês terem uma ideia, São Paulo hoje ela tem 281

rios, córregos e Ribeirão só dentro da cidade de São Paulo, só dentro da competência da prefeitura de São Paulo. Às vezes estamos passando numa grande avenida e de repente tem um córrego canalizado ali. E é e é fácil entender esse ponto de canalização para quem conhece a zona leste, a Vila prudente, por exemplo, a Luís Inácio de Anhaia Mello, toda aquela avenida da Luís Inácio de Anhaia Mello, embaixo dela tem um córrego, que é o córrego da Mooca. E ali ele está todinho canalizado e hoje a prefeitura não faz mais esse tipo de trabalho, ou seja, canalizar córrego fechado. Por quê? Porque o custo para limpeza é muito alto e ineficiente. Então preferimos canalizar ele de forma aberta para que seja mais fácil de fazer a limpeza e a desobstrução, quando assim for necessário, como é o caso do Tamanduateí, por exemplo, parte dele é canalizado fechado, mas boa parte dele ainda é aberto. E é isso Liliane, que eu tinha para apresentar para vocês a disposição para perguntas e dúvidas, se vocês tiverem.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Hassan, muito obrigada pela sua explanação, muito obrigada pela sua explicação. Eu quero agradecer também o Sr. José Ramos, que deu essa iniciativa que nós estamos aí criando aí um Grupo de Trabalho da Ações climáticas junto com o CECLIMA. Então aí veio uma ideia deles de estar fazendo essa apresentação, então ele se conectou até a ti para que viesse aqui hoje na reunião do CADES municipal para estar nos apresentando e como sempre, uma excelente apresentação, que a gente é a cada dia é um aprendizado aqui para a gente. Então eu passo a palavra agora ao nosso conselheiro, Sr. José Ramos, para estar complementando a minha fala. Sr. José Ramos, por favor.

José Ramos de Carvalho: Olá, bom dia, Hassan. Realmente é um grande prazer estar falando com vocês, porque nós somos aqui do Vale do Rio Cabuçu e você citou a zona norte. A gente depende muito de vocês, e depois a gente aprendeu com a própria cidade, na minha formação de gestor ambiental. E porque trabalhei 10 anos na CET, desde o início aí da Bela Cintra, e tive esse prazer de ser educado dentro do sistema preventivo. Então isso foi extremamente interessante. E, sem dúvida, a gente já convoca vocês a participar nas reuniões do CADES municipal, visto que a gente sempre está oferecendo crédito, algumas críticas também, né, que são críticas sempre no sentido de conduzir tecnicamente esses informes, é tão importante para nós. Então na verdade a gente, eu já acompanho juntamente com a Agenda 2030 aqui do Vale do Rio Cabuçu, as informações do CGE, desde sempre, desde 2006 a gente vem acompanhando e mais efetivamente, né, com as mudanças climáticas, especialmente o nosso El Niño, que judia muito da gente, que nós temos aqui uma ilha de calor identificada pelo professor Doutor Antônio Manuel, né, que foi um dos fundadores do IPT ele está aqui na Universidade de Guarulhos e sempre a gente conversa sobre todas essas questões. Então eu, particularmente, antes de vim para o CADES municipal, estudava e a gente sempre estava pesquisando muito em cima aqui da zona norte, quando você cita nesse primeiro momento, eu acho que tem coisas maiores que vocês vão ficar felizes de tomar conhecimento, principalmente na área de saúde, e a gente, nós estamos atravessando com as mudanças climáticas, índices de umidade relativa do ar muito baixa e isso tem interferido. Mas isso vai ser um segundo momento até a gente tem a presença da Magali aqui, que também é interessante, mas diante do que você comentou sobre as chuvas, sem dúvida nenhuma, a gente não consegue monitorar nesse momento porque infelizmente houve furto de instrumentos da estação Tremembé e nós estamos. E aí já fica uma reivindicação urgente para conversar com a SIURB nessas vésperas da chegada do verão, por conta das nossas preocupações e já até comentando contigo que os maiores índices biométricos são na nossa região, os raios, relâmpagos também, zona norte, aqui na beira da Cantareira. Inclusive, quando você mencionou 2023, nós tivemos um índice biométricos aqui agressivo, depois de 80 mm. E agora recente, esse último agora de outubro, nós tivemos na Vila Maria 62 mm. Então são índices pesados e até para o seu conhecimento participamos de algumas audiências públicas, a mais recente, que envolveu um pouco o elemento meteorológico, foi a ampliação da marginal Pinheiros. Eu tive o prazer de participar e nessa minha formação na área ambiental, quando da fala da representante ambiental do projeto da Pinheiros, diante das informações obtidas especialmente pela estação campo limpo na época e aqui em Santana nós tivemos nesse novembro (som ininteligível) de 23. Nós tivemos lá uma velocidade meio ciclone. Nós tivemos 52 km de velocidade. Por isso que todas aquelas árvores foram a colapso, justamente com a subida da frente fria, encontrou a marginal Pinheiros. Aí você citou as questões de asfalto quente, tudo houve uma variação de pressão e aumento de velocidade, e aí tudo virou 1.500 árvores que foi a colapso. É tanto é que nesse estudo que a gente fez e também comentamos na audiência pública que eu, a gente sempre está comentando sempre isso aí, justamente junto com os nossos conselheiros, que é tomar cuidado com esse elemento média, nós estamos em nossas subprefeituras, inclusive, quando você cita 29, nós temos 30, 30 estações meteorológicas espalhadas por São Paulo, sendo que 2 aí também para sua anotação, São Mateus está sem funcionar há 1 ano, mais de 1 ano que a gente fica observando São Mateus, porque ele está justamente naquele eixo, que é o eixo leste norte, que sai daquela estação de Mauá, e vem para o Vale do Aricanduva, encontra o vale do aqui do Cabuçu. E aí uma importância que depois a gente pode conversar até pessoalmente de uma fala do aí, misturando um pouco a qualidade do ar. É uma fala do professor Paulo Saldiva, que conduz toda a sistemática de controle de ar e de, inclusive, fez um projeto aqui junto com a gente por mais de 1 ano da qualidade do ar, porque nos envolve aqui, tanto o aeroporto Internacional de Cumbica, que agora privatizado Hassan, ele trabalhava com 450 voos/dias. A ampliação da nossa ilha de calor, ele trabalhava com 450 voos/dias

e agora, atualmente, após a privatização, ele subiu para 850 voos, além da gente ter Dutra e Fernão Dias, com a capacidade veicular acima de mais de 1.000 veículos/dia. E aí se você ajunta dentro de um vale, como você comentou, uma Várzea com 23 km quadrados, com 500.000 pessoas residindo, olha a intensidade dessa qualidade de ar. E aí que é o grande dado interessante também que a gente foi desenvolvendo aqui, no CADES e, também ajudando as outras secretarias nesse aspecto com a umidade relativa do ar muito baixa. Então você tem um índice de doenças respiratórias muito grande, e sem dúvida nenhuma, não é só o aspecto de enchentes ou inundações que envolve vocês. Vocês estão envolvendo diretamente na qualidade e na saúde de nossas crianças, quando faz o alerta para a defesa civil é no sentido de que hora a gente precisa segurar o trânsito, por exemplo, quando existe uma informação e é de legislação aqui do município, que os veículos, os caminhões não podem adentrar ao município após as 19 horas. Mas acontece que eles ficam parados, por exemplo, na Fernão Dias, aguardando o horário de entrada. Mas eles não têm um informativo para eles desligarem os motores e eles permanecem com motores ligados. Aí você vê Vila Maria e tudo. E aí somado a essa poluição e mais esse índice de umidade muito baixa. E nessas mudanças climáticas, existe também as temperaturas altas e que foi o grande motivo da instalação desse grupo de trabalho com relação às mudanças climáticas. E a gente citou, estou te dando toda a informação para depois a gente sentar e poder trazer essa borda, essas discussões, inclusive, nesse grupo de trabalho que eu particularmente já faço um convite independente da Secretaria do Verde, vai até ajudar a gente nesse aspeto, porque na verdade, quando a gente começou na mudança climática a observar, e eu estava numa palestra na Esalq em Piracicaba, e estou retornando para São Paulo pela Bandeirantes, e a gente presencia esse incêndio imenso que aconteceu nas zonas rurais e as preocupações nossas foram até para estabelecer essa reunião extraordinária no dia 2 de outubro, foi justamente porque nesse mesmo, olha só a importância de vocês, nesse mesmo dia nós tivemos num período entre 2 e não incrível, final de setembro e início de outubro, uma umidade relativa nas praças da Sé, de 11%, então Hassan, você que certamente tem um entendimento de física melhor que eu, 11% com 35°, nós estamos fazendo um churrasco na verdade, do centro da cidade. E olha o que aconteceu. Nós realizamos a reunião no dia 2 de outubro, mencionamos as possibilidades de haver incêndios urbanos e no dia 2, isso foi no dia 2, no dia 4 nós tivemos incêndio no COPAN, foi no 26º andar do COPAN. A sorte que o arquiteto fez aquelas barreiras que o COPAN tem naturalmente no propagou é o incêndio para cima. No dia 5 de outubro, Hassan essa mesma informação de umidade relativa do ar, nós tivemos um incêndio de todo o palco do Ratibum na fundação padre Anchieta, né? Que foi agora, recentemente também, e o mais recente, aí sempre nessa questão de utilização de ar-condicionado ou de expansão elétrica dentro de um condomínio etc. Que a gente agora quer buscar um contato maior com o CREA justamente porque tivemos o incêndio do shopping center aqui no Brás. Então olha a importância que vocês têm, não só diante da questão da inundação, enchentes, que você sabe, do Chávez, Jardim Brasil, toda a região aqui já fazemos parte da cultura do GeoSampa, mas agora também da unidade relativa do ar. E aí eu busco o crédito sempre para o CADES municipal que é importante para a gente também, enquanto conselheiros, enquanto participantes desse grupo aqui é muito bom. E é exatamente isso nessa discussão de umidade relativa do ar, voltando para as doenças respiratórias, no quais a gente sofre aqui e com certeza em outras regiões também, mas também nessa prevenção. Olha só, acertei de novo no coração do Ramos aqui, a prevenção de que a gente vai entrar em janeiro. E aí Hassan nessas pesquisas que avisamos dentro da APGAM, da Associação Paulista de Gestão Ambiental, de que, olha só as questões, de que essa informação dentro do grupo do CADES, surgiu um grande programa na Secretaria de Saúde, que foi trazer também essa questão da umidade relativa do ar. Depois até a Dra. Magali informou que tem um grupo de que estuda e que verifica a questão de umidade. Veja só, a importância do que vocês têm, que não é só o fato das inundações, que já é uma coisa extremamente difícil, que você falou de um óbito, agora vou dar um dado para você. No primeiro semestre de 2023, na aqui na UBS Vila Medeiros, que faz o projeto Vigiar, nós tivemos 3.800 crianças abaixo de 5 anos com dificuldade de aparelho respiratório. Então olha a importância de a gente buscar essas questões de umidade relativa do ar. Aí vem a Anita, não sei se está presente, de projetos de arborização específicas e tanto é que a gente está mexendo agora até com o chafariz, de jogar, trazer essa ideia de educação ambiental, por exemplo, nós temos o chafariz na 9 de julho, que está parado, eu estive agora, eu vou pôr a foto daqui a pouco aqui no CADES, do chafariz do Ibirapuera. E foi tão interessante que nesse chafariz do Ibirapuera, era uma escola visitando o chafariz e ele estava lá sem funcionar, né? Então fica o convite, porque tantas coisas que eu o queria passar, de informação e das importâncias que vocês têm para a cidade de São Paulo, então eu agradeço veementemente a participação, era uma reivindicação que a gente vinha lutando aqui. E, por favor, dá uma olhada na estação de Tremembé. Soubemos que foi furtado, mas tem outro espaço que a gente pode colocar os equipamentos, que é de fundamental importância. E eu não queria fazer uma pergunta, mas (som ininteligível) para você todas essas questões aí para você ter um entendimento e um abraço para os meninos lá que a gente fica feliz.

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Obrigada, Ramos. Olha só para te dizer que eu já anotei aqui a sua reivindicação e já vou pedir lá para nossa equipe, para nossa equipe de manutenção resolver isso de forma mais rápida possível. Eu queria também colocar, aproveitando essa oportunidade que o CGE não trabalha só com chuva. A gente monitora a umidade relativa do ar decretando aí uma criticidade para a região que está com baixa

umidade, porque a gente sabe que vai ter maior incidência de doenças respiratórias nessa região por conta da umidade do ar. Então a gente tem um trabalho intenso disso com a Magali, inclusive, faz parte dessa equipe. E com baixa temperatura, porque nós temos também uma grande preocupação no inverno para aquelas pessoas que não tenham onde morar que acabam ficando na rua. Então a gente movimentou, SMADS, por exemplo, quando a temperatura ela está 13° ou abaixo disso, ou se a sensação térmica for na casa de 13° também. Então a gente consegue movimentar toda a prefeitura para que ninguém venha, para que todo mundo seja acolhido. Ou seja, o CGE trabalha não só com chuva, mas monitorando a umidade relativa do ar, a temperatura. E a questão do fogo zero, porque a gente sabe que agora nós temos um grupo na prefeitura chama-se fogo zero, justamente sobre essa questão de Queimadas na cidade de São Paulo, nos parques que nós temos espalhados aí pela cidade de São Paulo. E isso nós decretamos também para que esse grupo possa se movimentar no sentido de tentar chegar com grande antecedência nas grandes Queimadas, coisa que a gente viu recentemente aí e nos causou uma apreensão muito grande é isso, mas obrigado aí por ter me dado esse toque aí, porque eu já vou providenciar isso, viu Ramos.

José Ramos de Carvalho: Somente ajudando também. Hassan, nós tivemos uma parceria com a faculdade de saúde pública aqui da Universidade de São Paulo e nós temos aqui um sensor de qualidade do ar, que é um sensor planetário Internacional etc. E olha só que interessante, até para contribuir também, os momentos de ar contaminado com alto índice de ar contaminado não está ocorrendo durante o dia, ele está ocorrendo na madrugada, né? E quando eu tenho a Fernão Dias, eu tive que fazer isso ao vivo. Eu peguei até a Fernão Dias, não tinha movimento algum, assim como na Dutra e aviação de Cumbica, mas atingindo níveis de qualidade do ar muito agressivo, né? Por isso dá importância. E aí eu vejo algumas estações que estão sem aquele instrumento de vento, e direção e vento. Por exemplo, no caso nosso, da zona leste, só para você ter ideia desse tamanho, da questão de ter esse monitoramento de vento e direção nesse eixo leste e norte nós temos sem esse equipamento aí, eu não sei se qual é essa estrutura macro ou mais ampliada que você informa. Nós não temos esse instrumento. A gente saindo lá de Mauá, né? Mauá tem, ok, né, nós não temos em São Miguel, São Mateus, Itaquera, Vila Formosa e só vamos ter na Penha. Quer dizer, todo esse meio entre os Vales do Aricanduva, e aqui do Cabuçu, a gente não tem essa informação de vento. Era onde o próprio professor Paulo Saldiva citava Ramos, eu não estou tão preocupado com o vale embaixo dos seus 23 km. Eu estou preocupado em como chega essa massa de poluição na cabeceira, no início da Serra da Cantareira. Então isso foi uma fala e no mesmo outro lado, nesse outro eixo, que é o sul Oeste que você citou, a Vila prudente e tal, a gente não tem no Jabaquara, esse equipamento de vento, não temos no Jabaquara, no Santo Amaro, Pinheiros também não temos. Só vão me encontrar no Butantã, não é? E na Vila Maria foi quando deu esse dia de novembro que você citou. Eu peguei e entrei para fazer o monitoramento para eu coletar as velocidades de vento por conta dos colapsos das árvores. Aí sim, identificou o campo limpo, por exemplo, com 52 km, nós somos na metade do ciclone. O ciclone começa com 108, e por incrível que pareça Santana, então as distâncias eram diferentes. Aí veio na minha cabeça a ideia realmente do asfalto. Então vem marginal Pinheiro, asfalto quente, velocidade, pega a marginal Tietê e subiu aqui pela avenida do (som ininteligível), que também é uma avenida de muito asfalto e ainda atingiu também os 52 km. Só que aqui não sei se nós tínhamos uma proteção melhor, não teve tanto colapso, mas sim mais na zona sul. Mas esse equipamento de vento, realmente ele é extremamente importante, não sei desse contexto mais amplo de vocês, mas ele, dentro dessa nossa visão microclimática, das subprefeituras, eu acho que seria interessante fazer uma revisão aí para que todos nós pudéssemos ter, porque na verdade, Hassan, existe o CADES municipal aqui outro dia nós levamos bronca dos regionais. Ah, poxa, vocês parecem que não estão observando. Sim, nós trabalhamos bastante em cima disso, mas para que os CADES regionais criem essa educação ambiental de também ficar observando as estações e sem o apoio, operacional, que vocês também tanto desejam e você está aí no berço operacional da cidade, que eu trabalhei aí em 8 anos e tem esse entendimento interessante que é a CET aí, mas enfim, né, o que eu observei das 32 estações, nós estamos com 8, na verdade 8 e mais 2, que está sem funcionar, um total de 10 que precisam desses sensores que seriam importantes, aí fica a nossa reivindicação também, mas agradeço a participação. E vamos juntos nessa história porque 2023 está aí. No ano passado não tivemos El Niño não, tanto é que nosso indicador, eu olho as cidades. Nós aqui da zona norte olhamos as cidades serranas do Rio, quando acontece as coisas lá no tal do Rio voador, vem Mantiqueira, Cantareira e aí o professor Lacava, que está aqui, sabe que nos deu as instruções maravilhosas. É água, como dizem, a água morro abaixo e o Cabuçu vem e invade a nossa vida. E nós estamos com medo do Rio Grande do Sul aqui também agora, obrigado, viu Hassan.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, José Ramos. Senhor José Ramos ele gosta de explicar bem explicadinho, né, senhor José Ramos, viu Hassan. Ele é assim mesmo, ele gosta de explicar e dar os detalhes deles. E lembrando, Hassan, que a gente também tem o monitoramento no parque Linear do Córrego do Bispo, na Serra da Cantareira. E lá não sei se você sabe, com certeza, você sabe que a gente tem um monitoramento de Câmara e ali também nós temos agentes ali da parte da GCM, e com o apoio também dos técnicos ali que eles também auxiliam quando tem queimada e avisa vocês aí. Então a SVMA também contribui muito com isso na Serra da Cantareira. Vou dar a palavra então para Maria de Fátima, por favor, Maria de Fátima.

Maria de Fátima Saharovsky: Sim, boa tarde já, né? Eu sou da Sociedade Civil e assim, eu vejo que todo esse contexto, né, de fenômenos climáticos, né? E que hoje nós temos um aparato tecnológico que realmente nos conforta em questão de previsão, em questão de prevenção, e acho que me parece que nós avançamos bastante, principalmente com toda essa sua exposição. E nós aqui da sociedade civil ficamos um pouco distante, desse conhecimento. Mas sabemos do trabalho que tem sido executado, principalmente através do conselho do CADES, das discussões que temos tido aí durante todo esse período. Mas eu queria, eu vejo. A pergunta é a minha questão que existe tanto nas áreas de verdes, nas áreas onde existe realmente o fluxo de água, onde existe os cursos da água, os mananciais que são as nossas áreas, principalmente aqui no extremo sul, onde existe produção de água, muitos mananciais, microbacias, nascentes, é estão presentes. E vejo na cidade, a impermeabilização todo esse contexto de lixo, de piscinões, de tudo que ocorre, desse visual todo, desse perfil todo, acontece as mesmas coisas. Isso que eu quero colocar tanto nas áreas mais afastadas como nas áreas da cidade. Quando cai a chuva, a ventania, o fenômeno é o mesmo e tudo ocorre da mesma maneira. E a pergunta que eu faço é

como o departamento, né, que você tanto bem colocou, como a realidade da cidade tem que se conectar para que não só haja a prevenção como realmente uma readequação para que esses fenômenos não afetem tanto a nossa cidade, eu sei que é uma pergunta ampla e difícil, mas como conectar esses setores, todos os serviços e toda a população para que a gente consiga realmente adequar cidade para que a prevenção ocorra de maneira efetiva, e quando isso é nos avisado que realmente a gente possa tomar uma posição de resguardar, de cuidar realmente da cidade, isso, é uma questão que me deixa confusa, porque a previsão é perfeita, mas a ação, de fato, da readequação para que isso não ocorra ainda é muito falha.

Hassan Mohamad Barakat - SIURB/CGE: Maria de Fátima. Muito boa a sua pergunta, até porque a gente entende que o urbanismo, a cidade sempre tende a crescer infelizmente e vai impactando cada vez mais, vai avançando sobre os mananciais e esses mananciais deveriam ser uma área de preservação permanente. Então isso é uma coisa que a gente enxerga e é um dado que, inclusive, a prefeitura, ela tem trabalhado bastante nessa área, mas é muito difícil. A gente sabe que São Paulo é muito grande, e ela, e não tem como parar esse desenvolvimento. Mas a gente entende também que isso tudo passa por uma educação ambiental e a gente percebe também essa geração de agora, ela é muito mais comprometida com o meio ambiente do que a minha geração, a minha geração não tinha essa preocupação. Então essa geração de agora ela é bem mais preocupada, bem mais atenta com relação a essa questão, ou seja, eu não vejo num futuro próximo uma solução para essa questão. Uma coisa que a gente precisa aprender a conviver com essa questão das enchentes, dos alagamentos, ou seja, das chuvas intensas na cidade de São Paulo. Como o japonês, ele convive lá com os terremotos, o americano lá com os furacões. Então nós temos que começar a aprender a respeitar esses eventos mais agudos, esses eventos mais pontuais na cidade de São Paulo, no sentido de nos proteger. E se cada um fizer a sua parte, se cada um fizer a sua parte, eu acredito que a tendência é de melhorar. Eu apresentei os dados aí, você pôde observar Maria de Fátima, que mesmo chovendo mais em janeiro do ano passado, desse ano, desculpa. As ocorrências de alagamento foram menores, o que que significa isso, significa que alguma coisa está sendo feita, que obras estão sendo feitas, eu ainda entendo que o professor Álvaro, por exemplo, às vezes ele me corrige, ele fala, pô, Hassan, você não pode ficar falando muito do lixo? Então eu falo sim, eu falo do lixo, falo da questão do solo, que é carregado, se você olhar na beira da calçada, você tem lá uma areia e tal. Ah, mas é pouco isso aí. Mas esse pouco ele vai depositando dentro da Galeria e a Galeria, ela tem um diâmetro para trabalhar, com o passar do tempo, ela passa a trabalhar a meia sessão, ou seja, aquilo que ela poderia encaminhar, ela vai encaminhar metade e a outra metade vai ficar na rua esperando a oportunidade de ela entrar nessa Galeria. Então, Maria de Fátima, eu não vejo assim uma solução simples e não vejo uma solução muito rápida. Depende de cada um de nós, enquanto a associação organizada ou mesmo aqui nesse evento que vocês estão participando aqui junto com o Verde e Meio Ambiente, né? Por quê? Porque é voltado justamente para isso, né, para a melhoria do bem-estar na nossa vida aqui dentro da cidade de São Paulo. A gente vive aqui dentro, então a gente tem que se preocupar com isso, né? Eu vejo, por exemplo, uma vez nós fizemos um trabalho, Maria de Fátima, junto as escolas, as Emes de São Paulo e levamos uma apresentação lúdica para eles, para as crianças, aquilo deu um retorno tão interessante, tão gratificante, porque as crianças, elas entendem e assimilam isso. E o que é mais interessante, a criança cobra o adulto e quando a criança cobra, o adulto se sente envergonhado quando ele é cobrado, quando ele joga um papel, quando ele, enfim, algum tipo de lixo, uma garrafinha de água na rua e uma criança chama atenção. Vai eu chamar a atenção de alguém aí falar assim, olha, a gente acaba saindo no tapa, porque eu fiz o meu papel de cidadão, mas a pessoa vai falar quem é esse cara que estava... mas se uma criança faz isso? A pessoa não vai querer, né? Agredir uma criança, muito pelo contrário. Mas na maioria das vezes vai se sentir envergonhada. Eu acho que o caminho é justamente esse, é para mim, é educação ambiental, é o ponto de partida.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Hassan. Obrigada Maria de Fátima pela sua pergunta. Obrigada Sr. José Ramos também. Hassan, nosso engenheiro civil está de parabéns, eu já te convidei até para fazer parte do nosso grupo de trabalho, das ações climáticas, vamos encaminhar aí um

ofício para você. Encaminhando um ofício convite para a sua Secretária, aí para você participar junto conosco aqui do nosso grupo. E obrigada pela apresentação de hoje. E fica o convite para ficar aqui conosco com a última apresentação. Obrigada Hassan. Passamos então, para o quarto ponto do expediente: Apresentação do Manual da Cidade Amiga da Fauna, pela nossa bióloga da Divisão de Fauna Silvestre, Anelisa Ferreira Almeida. Seja muito bem-vinda aqui conosco. Presencial.

Anelisa Ferreira de Almeida Magalhães - SVMA/CGPABI/DFS: Obrigada, pessoal. Bom, eu fui convocada a fazer uma apresentação do manual da Cidade Amiga da Fauna. E eu falo em nome de toda equipe da Divisão de Fauna Silvestre. A Divisão de Fauna Silvestre é um serviço municipal de atendimento à fauna Silvestre de Vida Livre da cidade de São Paulo que funciona desde 1992. E eu participo da divisão desde a sua fundação, antes da criação da Secretaria do Verde, a gente pertencia à Secretaria de Obras e a gente tinha o nome de DEPAV 3 também. A Divisão de Fauna Silvestre é o nome mais recente. E então eu pude participar de todo o início desse serviço na cidade de São Paulo. E é com Alegria que eu venho apresentar para vocês hoje o projeto que é o manual Cidade Amiga da Fauna, representando então todos os colegas da Divisão de Fauna Silvestre. Bom, por que que a gente começou pensando num projeto do manual Cidade Amiga da Fauna, Silvestre, qual que foi o contexto da criação dessa publicação. Bom, estudos indicam que até 2050, 2/3 da população viverá nas grandes cidades. Então, como o colega acabou de dizer, as cidades vão ter que abrigar essa população, porque essa é uma tendência, ao mesmo tempo a gente sabe também que a organização é uma das principais ameaças para a biodiversidade, o nosso modo de construir as cidades, ela destrói os habitats originais para a gente se instalar. Então, esse é o modo como a gente faz para construir as nossas cidades. É muito em cima de uma destruição e uma alteração completa dos habitats originais. Bom, baseado nisso, a gente já sabe disso, a discussão das cidades sustentáveis, a gente acredita que deve ir além de proteger as áreas verdes existentes, isso a colega Anita já falou na primeira apresentação, São Paulo é uma cidade que conseguiu mapear as áreas que estão bem conservadas na cidade e, de certa forma, protegê-las, através da criação de unidades de conservação, de parques. Essa é uma parte, a gente conseguir reconhecer quais são essas áreas e conseguir proteger essas áreas de fato, é o primeiro passo. Mas para que a gente possa ter cidades sustentáveis, a gente acredita que a gente deve assumir uma postura mais propositiva além disso, o que é que a gente pode, já que vamos viver todos em cidades, o que é que a gente pode fazer para construir cidades mais biodiversas, né? Esse é um assunto que vem crescendo na literatura científica. Tem pesquisadores que vêm estudando quais são os caminhos para a gente construir cidades biodiversas. Então existem eixos que a gente pode seguir para trabalhar na construção de um futuro melhor, não é? Então eu acho que a gente pode pensar em propostas, e além, talvez, da conservação do que tem, do estudo de dados, do que já tem e o que é que a gente pode fazer. Bom, então a construção de uma cidade amiga da fauna. Mas quando a gente pensa em cidade, em que fauna que a gente está falando, não é? Então o colega, o Lucas já adiantou, e falou um pouco de qual é a fauna que tem na cidade de São Paulo. O inventário da Fauna Silvestre é uma atribuição da Divisão de Fauna Silvestre que vem catalogando qual é essa Fauna Silvestre que a gente tem na nossa cidade. Esse serviço começou por uma necessidade, porque havia pouquíssimas informações, informações pontuais a respeito da biodiversidade da cidade. E a gente precisava conhecer melhor essa biodiversidade para botar em prática, inclusive, o trabalho da Divisão de Fauna, que era atender a fauna Silvestre e depois recolocar a fauna Silvestre de volta no seu ambiente. Mas no momento que a gente começou a trabalhar, na década de 90, essas informações do que tinha de fauna e aonde essa fauna se encontrava, era muito restrito ainda. E a gente começou então fazer o inventário da Fauna Silvestre para conseguir esse entendimento. Então, de lá para cá, a gente conseguiu catalogar 1.354 espécies de animais silvestres, como o Lucas apontou, esse número provavelmente é muito maior porque em alguns grupos animais, já que esse estudo é bastante complexo e a gente contava na época com uma equipe limitada de profissionais trabalhando nessa área. O início desse estudo foi um início basicamente só de dados primários, e com o tempo, com o desenvolvimento tecnológico, com o desenvolvimento de câmeras fotográficas, a gente começou a utilizar também dados secundários oriundos da ciência cidadã. Então, hoje as pessoas com um celular, elas conseguem fazer uma documentação de fauna Silvestre, que lá na década de 90 a gente nem imaginava que isso seria possível, né? E esses dados, então, são colocados em plataformas e a gente utiliza também toda essa informação gerada pelos cidadãos e a gente incorpora no nosso inventário da fauna Silvestre. Para alguns grupos isso é muito bom e para alguns outros grupos está apenas começando. Então que Fauna é essa, né? 1.354 espécies de animais silvestres é muito mais do que muitos países que a gente vê. E isso está onde? No município de São Paulo, convivendo com um monte de gente. Então é sempre muito surpreendente a gente ter essa fauna dentro da cidade mais populosa. Bom, 198 espécies são endêmicas da mata Atlântica, isto é, são espécies que dependem desse bioma da mata Atlântica. Se a gente não tiver mais o bioma mata Atlântica, essas espécies estão fadadas a desaparecer, porque elas estão adaptadas a esse habitat, não se adaptaram a outro tipo de habitat. 172 espécies são ameaçadas de extinção pelo estado e no Brasil, o Lucas apresentou um dado maior, que engloba as espécies ameaçadas pelo comércio ilegal. Bom, diante disso, o objetivo de fazer o manual cidade amiga da fauna é produzir uma publicação com práticas efetivas, visando a construção de cidades biodiversas e amigáveis para esta fauna. Como que foi o processo de criação desse documento? Bom, o processo de criação ocorre então a partir da vivência dos técnicos

da divisão de fauna, que tem 32 anos de atendimento à fauna Silvestre. E lá a gente recebe e consegue diagnosticar porque que alguns desses animais estão chegando para a gente, que tipo de animal? Então a gente sabe quantos animais filhotes chegam, quantos animais queimados, quantos animais que ocorreram por colisão em vidraça, quantos animais atropelados, quantos foram agredidos por cães ou quantos simplesmente vieram parar no nosso serviço simplesmente porque toparam com um (som ininteligível) ano pela frente. Que achou que aquele bicho devia estar no lugar errado. Isso acontece muito, muito. Esse acontecimento do bicho não ter nada, o azar dele foi só topar com o ser humano, que acha que tem algo muito errado ali com ele. Então passa a mão naquele bicho e fala, o que que você está fazendo aqui e leva para um lugar, e esse é um problema, o próprio encontro, né, dessas 2 entidades, humanos e animais silvestres. Então, essa vivência faz com que a gente consiga ter um diagnóstico, o primeiro diagnóstico, de que bichos tem e onde eles estão. Segundo diagnóstico, porque que eles dão entrada, né? Qual é a causa, o que que está acontecendo com essa fauna. Então aí a gente, nesse nosso dia a dia, de 32 anos, a gente passa informação para as pessoas via telefone, dá orientações, faz documento, olha o que é que eu faço aqui eu tenho essa janela, o que é que eu posso fazer? A gente vai lá, escreve e orienta. Então, a inspiração para fazer o manual é a gente conseguir atingir um número maior de pessoas. E não só assim falando de boca em boca. Então, aumentar a capilaridade das ações que a gente pode fazer para melhorar a vida desses animais, né? E melhorar a nossa convivência. Então, uma inspiração são os inúmeros catálogos que a gente entrou em contacto com soluções baseadas na natureza, então existem muitas publicações a respeito disso. As outras inspirações, a manual da arborização, que é um documento também que é produzido pela Secretaria e que é muito interessante. O manual de poda e os programas verdes da Secretaria, então essa foi a nossa inspiração. Bom, a gente teve ideia, tivemos inspirações e acreditamos muito, baseado nos programas verdes, que se a gente fizesse uma construção participativa desse documento, seria muito mais efetivo do que fazer uma coisa ali só dentro do nosso universo, então, com essa decisão de fazer uma construção participativa, a gente construiu uma parceria com a Ampara, para nos ajudar nessa construção participativa deste documento. Bom, o processo de elaboração. A gente teve inúmeras etapas nesse processo de elaboração, desde intercâmbio Internacional pela UCCL, que a gente foi para a Colômbia, o pessoal veio para o Brasil também, conhecer, trocamos diversas ali experiências, de gestão, de fauna, que foi muito enriquecedora e bastante importante para aumentar o nosso conhecimento, tivemos inúmeras reuniões técnicas, inúmeras reuniões técnicas e depois passamos para a fase participativa, onde a gente fez oficinas participativas, mesas redondas. Depois a gente reuniu todas essas informações. Continuamos estudando e fomos para a produção do manual em si. Bom, aqui é uma foto de uma das oficinas colaborativas que a gente fez. A gente acho que fez 6 oficinas participativas. O primeiro evento, na verdade, a gente fez uma consulta online, um evento online, e esse evento online para divulgar as oficinas, inclusive, esse evento online que começou, que foi em dezembro de 2023, a gente teve um total de 125 participantes, e nesse evento a gente apresentou quais são os eixos para a construção das cidades biodiversas, e apresentou a proposta do manual. Bom, em janeiro de 2024, então a gente fez as oficinas técnicas ali. Foram 6 oficinas técnicas, a gente fez uma oficina para cada um desses eixos de construção de cidades biodiversas, e a gente teve a participação lá de 88 participantes e de 21 instituições. O primeiro eixo foi de coexistência e conflito humano-fauna, o nosso problema aí dessa coexistência. O segundo foi o de proteção, conexão e construção dos habitats. A terceira oficina foi a respeito das infraestruturas urbanas, de como a gente pode melhorar essas infraestruturas urbanas. O quarto foi a respeito de como a gente pode melhorar o nosso manejo de áreas verdes na cidade. O quinto foi de um problema triste que a gente ainda tem, que é o tráfico de fauna e caça, que a gente ainda, a gente pode imaginar que a caça seja um problema que está longe da gente, nos rincões do Brasil, mas não, a gente tem esse problema ainda acontecendo nas nossas áreas verdes, e o tráfico na cidade de São Paulo é uma realidade ainda atual. E a sexta é como a gente consegue inserir nas políticas públicas. Os assuntos de fauna Silvestre que ainda podem ser inseridas de uma maneira mais efetiva, considerar a fauna Silvestre, né, nessa, nessas políticas públicas. Próximo. Bom, em relação a essas oficinas, a gente teve 65% da participação do poder público municipal, então muitos colegas da Secretaria do verde, foi muito produtivo, foi muito interessante a gente conhecer os gargalos, do nosso serviço, quais são os principais problemas, 12% de organização da sociedade civil, 9% do setor privado, 8% do poder público estadual, 5 universidades e 1 polícia Rodoviária federal. Eu acredito que a gente queria ter uma participação mais plural, mas o fato de ter sido, ocorreu em janeiro não foi uma data das melhores. Mas como esse projeto está no plano de metas, a gente tinha o tempo contando contra a gente e não teve opção de outra data melhor. Bom, fizemos essas oficinas e chegamos à conclusão que nessas oficinas, então, muitas colaborações, muitas sugestões das pessoas e 3 temas a gente sentiu falta de trabalhar mais especificamente ainda, que era o tema de educação ambiental, que foi um tema que surgiu muito nas oficinas, a questão de políticas públicas e o tema de convivência, principalmente a presença de animais domésticos nas áreas verdes, os cães e gatos, que é um problema muito grande para a fauna Silvestre e é um problema muito complexo, e que então exigiu a gente pensar na participação aí com 3 mesas redondas para a gente poder elaborar então o nosso manual. Bom, o que que é abordado no manual, né? O que que a gente fala nessa publicação? Bom, existem, a gente dividiu o manual em capítulos, o primeiro capítulo a gente vai falar da coexistência humano-fauna, que é aquele problema que a gente recebe bicho que não tem

absolutamente nada e, por exemplo, as pessoas levam e acham que o bicho está no lugar errado. Então as pessoas não conhecem a fauna da cidade, essa é uma conclusão, quando pensa em Silvestre, quando pensa em natureza, ela pensa logo, saindo de São Paulo. Então a gente precisa bater nessa tecla aí, dessa coexistência. O outro problema de coexistência é o que que a gente traz, o próprio modo nosso de vida, né? O nosso cão e o nosso gato, que a gente acha que pode conviver solto na cidade. E a gente sabe que tem dados que esse é um impacto gigantesco, principalmente aquela fauna que anda terrestre, que anda no chão. Então, em parque natural, por exemplo, se você tiver presença de cão e gato, a gente não vai ter uma cuco, a gente não vai ter Cotia, a gente não vai ter Paca, a gente vai deixar de proteger inúmeros animais silvestres, em detrimento de animal doméstico poder correr solto nessas áreas, e eu vejo aqui, eu sou uma pessoa que adora animal doméstico, eu tenho um grande apego, mas animal doméstico deve ficar sobre os nossos cuidados, na nossa casa, eles são entes da família e como entes da família, a gente não pode abandonar ente da família em parque público. A gente não vai abandonar alguém que a gente considera da família em algum lugar, porque eles são animais que gostam muito, que gostam muito da nossa presença. Eu acredito que fazer isso é um abandono e é um sofrimento para esse bicho. Se esse bicho for adotado, ele se adapta, ele gosta de estar perto de pessoas. Então esse capítulo trata dessa coexistência nossa. O 2 fala de proteção e conexão dos afetados. O 3 fala de manejo de áreas verdes, então, urbanização, políticas públicas, política pública de tráfico de fauna e caça e educação pela fauna. Bom, agora, como que a gente procurou abordar esses assuntos? Porque são assuntos muito complexos. Na verdade, cada eixo desse daria um livro e não era a nossa intenção aqui fazer, nem esgotar o assunto em um livro. A nossa intenção era fazer um manual e como um manual, ter uma linguagem direta que atendesse diversos públicos. Então ele é rico em imagens e ilustrações, a gente procurou fazer exemplos, do que é que é bom a gente fazer e do que é que é ruim, para ficar bem claro, de maneira bem clara, e uma estratégia para diferentes setores, diferentes públicos, em diferentes escalas. Então esse manual vai servir, desde o morador do bairro que quer construir um Jardim que seja interessante para a fauna. Um Jardim que além de ser bonito, vai ser interessante, vai ter abelhinha, vai ter besouro, vai ter bichinhos que fazem parte da fauna. Como que eu faço para construir isso? O que que eu devo fazer, né, para a pessoa? O que que eu devo fazer para o meu bairro ser mais interessante, mais biodiverso, né? E em escalas de gestão, não é que daí a gente está falando, por exemplo, como que a nossa Secretaria, como a gente pode gerir uma cidade melhor para a fauna? O que é que então? Várias escalas a gente procurou atingir. Bom, então, o primeiro da coexistência, fauna, eu já falei um pouco, a interação humano e fauna Silvestre, um assunto complexo, recursos atrativos para a fauna os 4 As, o que que a fauna, afinal de contas procura na cidade, ela vai procurar alimento, ela vai procurar abrigo, ela vai procurar água e acesso. A gente tem que dar esses 4 elementos para que a gente possa ter fauna na cidade, essa foto, é um doméstico que caça que pegou um ouriço e aí ele está todo espantado com os espinhos de ouriço, né? Exato. É ruim para ele. Isso, o doméstico não vai para nós, mas esse doméstico que é criado assim, liberdade solto isso vai acontecer nesses domésticos que estão próximos de unidades de conservação. Onde eu encontro o ouriço? Então o pessoal solto, e esse cachorro tem livre acesso na área. E como extinto, ele caça. É isso que cachorro e gatinho vão fazer. Mesmo alimentado, eles caçam, isso já ficou documentado, lá no viveiro Manequinho Lopes, a gente tem o registro de uma ave que teve um registro em São Paulo, e esse registro foi feito porque o bicho foi pego da boca de um gato. A gente sabe que tem a ocorrência dele porque o gato o achou primeiro que os biólogos, e que tiraram da boca graças a Deus esse bicho não veio a óbito, não morreu, o bicho sobreviveu e saiu, mas era um, frango d'água raríssimo e que é isso. Os bichos, isso acontece o tempo todo. É o instinto deles, a gente tem que entender que é o instinto deles, e a gente tem que entender que eles têm que ficar sobre os nossos domínios, tem que ter um dono responsável que vai fazer a vacinação deles. É muito triste você vê que, por exemplo, a sarna que tem nos nossos cachorros passa para os animais domésticos. Então é lobo-guará com sarna, é gambazinho com sarna no parque da aclimação, todo cheio de sarna vindo desses animais domésticos, então é um problema enorme que aí, ah, mas é natural, mas os bichinhos gostam, é isso. A gente vai ter que decidir se a gente quer só proteger 2 espécies, cão e gato em detrimento de todo o resto, porque o impacto é gigantesco, e a gente sabe disso. Próximo. Então essa é a cara, mais ou menos, do manual, com bastante ilustração e fotografias, algumas fotografias aí do capítulo um não são fotografias que a gente gosta tanto, então a gente mostra ali 3 Periquitos rico, que tiveram as patas amputadas por causa de linha de pipa. Imagina, esse é só um divertimento que a gente tem passa cerol na linha de pipa e essa linha de pipa fica enroscada nas árvores e é um lixo que acontece isso, o bicho vai ser amputado. Então ali tem o raio x com um bichinho que está com um anzol, que engoliu um anzol, outro, um passarinho ali pendurado com linha de pipa também. Então, um dos problemas, no caso dos parques, o lacre das garrafas de água são um problema que matam sempre e parece que escolhem vão sempre nos bichos raros, estava com uma saracura Carijó que foi todo mundo fotografar um bicho raro. Na aclimação, passaram-se dias e fotografaram a saracura Carijó com o lacre no pescoço não, na boca. Fica aberto, o bicho não consegue comer. A gente não consegue pegar e capturar esse bicho com facilidade porque, no momento que a gente consegue capturar o bicho está tão enfraquecido que ele as chances de ele sobreviver são minúsculas. Ele só se deixa pegar quando está numa condição lastimável. Então o nosso lixo, o impacto do nosso lixo, e ali uma breve explicação dos tipos de animais que a gente vê na cidade, animal exótico, animal doméstico, animal Silvestre, que essa é

uma confusão que o pessoal faz também, as coisas legais que a gente pode fazer para que a gente tenha uma fauna pertinho da gente, sem a gente precisar colocar numa gaiola, a gente pode observar se a gente plantar coisas legais no nosso Jardim, se a gente colocar uma fonte de água, se a gente colocar caixa ninho, a gente vai ter esses bichos por perto, sem necessidade de colocar dentro de uma gaiola, eles vêm, é só plantar que eles vêm é a coisa mais fácil. E eles vêm fácil. Então esse capítulo trata um pouco disso. O próximo. No capítulo 2, proteção e conexão de habitats, é aquilo que eu falei. A gente tem a sorte na prefeitura de São Paulo de conhecer muito bem o nosso território e ter muito bem mapeado tanto fauna quanto flora, e graças a esse conhecimento a gente consegue fazer um manual cidade amiga da fauna, então o serviço de catalogar, tanto fauna quanto flora, nem sempre foi bem aceito. Lembro de uma prefeitura de São Paulo que a gente já teve secretários, que falava que esse era um assunto para a universidade fazer, que não era um assunto da Secretaria, que é um poder mais executivo, vamos dizer assim. Só que acontece que essa informação nos municiou, a partir desta informação que é hoje a gente consegue falar, olha, essa área é prioritária para a conservação, porque tem esse conhecimento. A gente foi atrás desse conhecimento por uma necessidade do próprio serviço, e é um conhecimento que é muito rico, porque é de longo prazo não é um projeto que começou, que teve o fim. E essa informação de longo prazo é riquíssima, a gente consegue saber o que que está desaparecendo na cidade e o que é que está aparecendo, porque a fauna é dinâmica. Se a gente faz um único estudo de uma tese, isso é apenas uma fotografia. A gente tem um filme e que a gente conhece melhor o que é que acontece nesse filme, graças a esse conhecimento, a gente consegue proteger esses habitats, e um outro passo para as cidades biodiversas, além da proteção de habitats, é promover a conexão entre esses habitats porque na urbanização a gente protege, mas a gente protege áreas que são menores do que a necessidade de uma onça pintada tem. A onça pintada não vai conseguir ficar restrita a uma única unidade de conservação, a onça parda, por exemplo, no refúgio de fauna Silvestre Anhanguera, a gente sabe que a onça parda está lá, está se reproduzindo graças ao monitoramento a gente sabe disso. Essa onça fica restrita a esse local, não fica restrita a esse local, essa onça precisa percorrer áreas maiores atrás de alimentação e a gente precisa garantir essa conexão, esses corredores que a gente chama de corredores de fauna. A prefeitura de São Paulo conseguiu planejar esses corredores ou conseguiu prever a criação desses corredores e agora a gente precisa na missão de implementar, de fato, isso na prática para ligar as nossas áreas se a gente quiser manter essa fauna. E quando a gente fala em corredor de fauna também, a gente tem que ampliar a mente, eu falei, aqui de onça, tem anta, mas tem bichinhos pequenos, tem os polinizadores, a gente pode fazer corredores de polinizadores, e os insetos, é que a gente enxerga menos, mas eles estão muito ameaçados nessa crise de biodiversidade. O nosso modo de vida está reduzindo drasticamente os invertebrados. E os invertebrados são a base de alimentação de todos os restos, se a gente não tiver essa turma, a gente vai acabar com todo, com todos os restos que dependem dos invertebrados para sobreviver. Então, outra coisa, a gente tem que ter ousadia e criação de novos habitats a partir do zero, eu acabei de ver o colega falando, ele falou na apresentação do clima que a gente tem muito asfalto, a cidade é extremamente impermeabilizada, a cidade era uma Várzea, por que que a gente continua fazendo as mesmas práticas? Porque que a gente não renaturaliza e deixa esse Rio expandir na área que ele deve ocupar originalmente. Isso vai de encontro a você, melhorar a biodiversidade, vai melhorar o clima, vai melhorar o problema de escoamento da água. Porque quanto mais a gente tiver plantado na cidade, mas a gente breca o escoamento, então ouvindo o colega falar é assim, a gente precisa mudar essa mentalidade de criação de asfalto, porque está esquentando. A gente não vai conseguir resolver nunca, vai esquentar infinito, a gente precisa criar áreas verdes, um exemplo, por exemplo, de sucesso que a gente fez é o Parque Ibirapuera. O Parque Ibirapuera é uma área completamente implantada e ela é completamente implantada, ela tem a árvore exótica, ela tem lá um lago que foi criado e ela, a despeito disso, é importantíssima para a fauna. Mais de 200 espécies de aves naquele parque artificial, vamos colocar assim. Mas o que é extremamente importante para a fauna, tem bicho migratório que migra, migração de longa distância vem do hemisfério norte para o Ibirapuera, para descansar e comer. Quem imagina isso? Então, mesmo os parques urbanos, mesmo o parque urbano implantado tem uma função para a conservação da fauna Silvestre que não pode ser esquecida. A gente tem que lembrar sempre dessa função, não é só o lazer que está cumprindo a função, está cumprindo diversas funções e a gente tem que ter coragem para criar esses habitats, ora bolas. Nesse levantamento da fauna Silvestre na cidade de São Paulo, por exemplo, a gente sabe que muitos bichos de Várzea desapareceram não à toa. Por que que desapareceram os nossos bichos de Várzea? Por que que eles são raros? Porque destruímos esse ambiente, canalizamos todos os rios, existe uma onda mundial de renaturalização, que vai ser bom para tudo, eu não consigo ver no que é que não vai ser bom, renaturalizar, vai ser bom para tudo, vai ser bom para clima, vai ser bom para reduzir a enchente, vai ser bom para a biodiversidade e vai ser ótimo para as pessoas. É garantido que vai ser ótimo para as pessoas. Então, esse assunto de restauração e as soluções baseadas na natureza, então, uma coisa de alta tecnologia que a gente tem que são as árvores, não existe coisa mais tecnológica para resfriar do que a árvore a gente não conseguiu inventar coisa, está aí e a bicha ainda se a gente fizer certo, cresce rápido. Você entendeu? Então, mudar esse conceito. Próximo. Essa ficou a carinho do capítulo de conexões e proteção. Pode passar. Então, ali a gente mostra a urbanização urbana, a arborização urbana, funcionando como corredor para a fauna e o que é que a gente pode fazer nessa arborização urbana para ser melhor ainda do que só resfriar e

aumentar a permeabilidade do solo, a gente pode escolher espécies que os bichinhos gostam. A gente pode escolher espécies nativas nossa, que já estão adaptadas para o nosso clima, para o nosso solo e que vai dar certo, a gente pode, por exemplo, focar em alguns bichos históricos que existiram na cidade de São Paulo e desapareceram para criar esses habitats novos, a gente pode proteger habitats históricos, como o cerrado, que foi detectado no Jaceguava e em outras áreas, para criar esses ambientes, e conectar esses ambientes. E como conectar? Então, conectar através de rios, rios são conectores, então os corredores azuis eles servem, os bichos precisam dessa água disponível para eles se estabelecerem, corredores, a gente fala de corredores de polinizadores. Ah, mas eu não consigo plantar a árvore aqui, é tão pequeno esse espaço o que é que dá para a gente plantar? Não precisa ser só a árvore, o que é que a gente consegue pôr de forração nas paredes, no teto, em todos os lugares que vai fazer diferença para a fauna. É isso que a gente nota, a gente planta qualquer coisa e faz uma super diferença para aqueles bichinhos que estão ali. O terceiro capítulo se conecta muito com o segundo, que é de que forma a gente pode fazer o manejo das áreas verdes. A gente pode aumentar a complexidade nas nossas áreas verdes urbanas quando a gente fala e todo o sistema da Secretaria é muito focado em árvores e arborização. E a gente precisa pensar em outros elementos além de árvores, que eu acabei de falar, forração, trepadeiras outros tipos que enriquecem demais. Como que a gente cuida dessas áreas, né? A gente deixa, a gente vai lá e corta o gramado um inteiro e deixa o gramado raso e esse é o conceito de área bem cuidada que a gente tem. Será que é uma área bem cuidada? Será que não daria para deixar um tantinho correr mais solto, ficar mais livre, os bichos adoram. Quando é, a gente tem lá dentro do viveiro Manequinho Lopes os períodos que a gente fica sem manutenção por causa de falta de contrato a gente vê chegar uma chuva de passarinho que vem em busca das sementinhas, do matinho, que cresceu porque está sem a tal da manutenção. Não seria justo a gente escolher áreas para deixar com uma manutenção menor, seria a economia de custo. E esse recurso é um recurso que os bichos voam, os passarinhos põem, vem de longe para comer a sementinha que está ali, que alguém deixou crescer, para que esse manejo ensandecido de deixar tudo arrumadinho, como se fosse a nossa sala. Não é a nossa sala. Vamos deixar a natureza vir de um jeito mais natural. Vamos gastar menos dinheiro com isso, precisa colocar veneno, a gente precisa fazer tudo que a gente faz, eu acho que não, a gente pode ser mais esperto, também é uma solução baseada na natureza, deixar a natureza nativa chegar, e gostar dela. A importância da água para a atração da fauna Silvestre, eu acho que eu já falei, as áreas já têm milhares de estudos mostrando essa importância. Quando a gente tem algum recurso hídrico, isso vai fazer muita diferença para a biodiversidade local. O que deve ser plantado? Esta parece uma pergunta meio bobinha, mas é difícil você reunir uma bibliografia que tenha isso, e a gente fez aqui uma lista de espécies, tanto de árvores quanto de forração, de flores, que são atrativas para a fauna e que são nativas de São Paulo, da cidade de São Paulo, olha que lindo, graças ao nosso amado herbário, a gente tem essa documentação do que que é paulistano e porquê que a gente não adota isso, os viveiros comece a produzir em escalas, isso para a gente transformar, e servir de exemplo, o município exemplar nessa questão. Vamos parar de plantar, coisa que não é daqui, não vale a pena, se os animais gostam e a planta vai muito bem, quando é alguma planta exótica, ela pode tem potencial de virar invasora. E daí a gente tem um trabalho danado para tirar essas plantas invasoras da cidade inteira, porque elas são uma ameaça para nossa biodiversidade. Bom, então o que deve ser plantado? Tem espécies nativas atrativas, ah, eu quero atrair abelhas, eu quero atrair passarinho, eu quero atrair passarinho granívoro, eu gosto de coleirinho, eu vou ter coleirinho se eu plantar capinzinho e deixar o meu Capim chegar até o grão e não cortar antes da hora, eu vou ter esses bichos pertinho, e tratar de um manejo pró biodiversidade, um manejo que vai pensar nessa biodiversidade. Então pode passar. Então olha aqui, tem alguns esquemas mostrando uma calçada utilizando todo o espaço que ela tem e não só de árvore, então tem forração, tem florzinha, tem Jardim de chuva que pode ser atrativo, tem a parede que a gente pode usar, colocar uma trepadeira, eu tenho uma cerca, vamos colocar alguma vegetação nessa cerca que seja interessante ali um esquema mostrando uma cidade ocupando o máximo de espaço com planta, olha só, tem desde o teto. A gente tem muita disponibilidade para colocar não precisa ser coisa grande, nem pesada, tem esse conceito de teto, tem telhado verde, telhado marrom, o telhado marrom o pessoal só coloca os substratos e deixa nascer o que chegar nesse telhado marrom. A gente viu isso na Colômbia, usados nos prédios públicos da Colômbia, ali no estacionamento, ó, o estacionamento, tem muita vaga para árvore também, então, usar o máximo, o esquema ali de baixo é muito legal para você ver como que um recurso é utilizado de forma diferente para os animais. Então a gente tem ali um Tucano comendo o fruto de uma Palmeira, depois a gente tem um morceguinho usando a folha da Palmeira como um abrigo para ele, o terceiro a gente vê um Sabiá usando uma folha morta para construir o seu ninho, e o quarto a Palmeira já morreu, mas olha só, ela é um grande recurso para os animais usarem como ninho. E o que é que a gente faz quando tem um recurso desse? Tira esse recurso embora, a gente às vezes vê uma Palmeira, isso lá no parque Independência, tinha uma Palmeira que era ocupada desde o topo até embaixo, com vários bichos, isso é um recurso imenso isso não cai na cabeça das pessoas, ao contrário do que a gente imagina, a gente deve retirar todas as árvores mortas, todo esse material riquíssimo que serve para abelha, que serve para uma fauna gigantesca. Porque que a gente está fazendo isso. Próximo. Bom, o quarto esse é um problema que lá no atendimento de fauna a gente consegue enxergar no nosso dia a dia, o problema da infraestrutura urbana, o que que eu devo fazer? Por exemplo, a gente resolveu adotar vidro para toda a construção civil, caiu no

gosto, as pessoas tiraram os gradis do meu pré, meu bairro, tirou o gradil inteiro e substituiu por vidro, que gostava mais do gradil antigo, que eu acho que era mais charmoso, menos superfície para limpar e com certeza, muito mais superfície para os bichos esborracharem, e morre aos milhões, é um problema imenso, mas tem solução. Veja só, o que é que a gente pode fazer? Tem soluções de todos os preços, como para a maioria das coisas, tem soluções super baratas para você implementar, e tem soluções mais sofisticadas para ser usado na construção civil. Bom, passagens de fauna, atropelamento, então a gente tem no Brasil uma fauna arbórea muito grande que a gente precisa instituir passagens para que essa fauna consiga atravessar de uma área para outra dentro das cidades e ver oportunidades onde construir essas passagens de fauna, que vai diminuir o atropelamento, o risco desse bicho ser atropelado. Soluções para reduzir eletroplessões, que os animais, principalmente na área rural, onde é mais rico em biodiversidade. Vejam vocês. Ah. Os fios elétricos não são isolados nas áreas rurais e tem muito acidente dos bichos se queimarem, principalmente no caso de mamíferos, arbóricolas e aves grandes que pousam e morrem eletrocutados. Então, a simples substituição por postes que são isolados por uma rede elétrica adequada já reduziria, é toda semana tem um caso de bicho, eletrocutado nas áreas mais ricas. Soluções para reduzir poluição luminosa e sonora, a gente adota nus também nas nossas áreas verdes, que deveriam respeitar um repouso em um período de escuridão. Essa poluição luminosa afeta os animais de inúmeras maneiras, mas um grupo que a gente esquece, outra vez os insetos, eles morrem, são atraídos, é uma armadilha quem nunca viu uma luminária cheia de insetos dentro dessa luminária. Então, a poluição luminosa gigantesca, a gente sugere adaptações, que são amigáveis à nossa fauna. A poluição sonora é outra coisa que a nossa cidade se preocupa pouco com isso, a gente faz pouca coisa preocupada com poluição sonora e isso afeta também os animais, principalmente, de comunicação, haja visto aí o famoso Sabiá, que canta de madrugada por causa de poluição sonora na cidade. Ele canta às 3 da manhã não é à toa, ele não quer competir com o caminhão de lixo, com o tráfego, e ele desloca então a comunicação dele para cedo, isso é uma aberração. Se você for em algum lugar que tem silêncio sabiás, não vão cantar às 2 da manhã nem às 3 da manhã, está certo? Isso é um alerta, de uma alteração muito grande. Próximo. Então esse é o capítulo 4, mostrando alguns dos problemas, ali, mostrando as marginais ali, poluição luminosa. Ali a marginal Pinheiros, com um lixo acumulado do lado das nossas capivaras, que também são acidentadas com esse lixo que vai para lá. Ali o prédio da bienal, que tem painéis gigantescos de vidro e que são uma armadilha muito grande para os passarinhos. Então milhares de passarinhos trombam nesse vidro aí desse prédio, que é um prédio tombado, um prédio belíssimo, mas que podia ser adequado, por um parque, para estar dentro de um parque. Agora que a gente vê que isso é um problema ali, o pessoal acho que recolhendo animal que ficou eletrocutado e a grande fragmentação nossa ali mostrando a franja de área protegida com área urbanizada. Próximo, o capítulo a gente tem uma preocupação desde que começou a trabalhar com fauna Silvestre, de conseguir colocar essa fauna dentro das nossas políticas públicas. A gente tem avançado, mas eu acho que tem aí um grande caminho ainda, porque é que os nossos prédios sustentáveis não são pensados desde o início, para serem também, além de sustentáveis, amigáveis para a fauna. Isso devia ser pensado desde a construção, poderia ser pensado desde a construção, não só ser lembrado na última hora, na hora que começa a dar problema, ah, começou a dar problema, o pessoal chama correndo. É uma coisa que pode ser planejada, vamos colocar isso daí como uma política pública desde o início no planejamento do pessoal da construção, para o planejamento territorial, nos instrumentos de gestão ambiental, instrumentos de incentivo, como que a gente pode incentivar uma empresa amiga da fauna a adotar. Então a gente dá algumas sugestões, a gente dá um caminho de quais leis e regulamentações já existem que podem ser, podem abarcar a questão da fauna, instrumentos de avaliação e adequação ambiental e a perspectivas futuras. Então aí a gente fala um pouco de política, porque a gente, individualmente, a gente pode resolver o problema, mas ele vai ficar (som ininteligível) a uma escala muito de minuta, se eu colocar só na minha vidraça a proteção. E se eu instituir como uma política pública, a gente vai atingir de forma rápida e eficiente uma escala muito maior. Então a gente, como indivíduo, pode sim continuar tendo boas condutas, mas a gente tem que dar um passo a mais e virar uma questão de política pública. A questão do lixo e do plástico é política pública, não vai ter, a gente não vai ter condição de reciclar todo esse plástico, a gente vai ter que reduzir o plástico ao mínimo necessário e isso é política pública. Não vai ser eu reciclando, você entendeu? Então eu acredito numa ação mais coletiva e menos individual para a gente tentar solucionar esses problemas. O próximo. Bom, então, esse capítulo de políticas públicas, a gente faz ali sugestões de selos que poderiam ser utilizados, o selo edifício amigo da fauna, Jardim amigo da fauna, cidade amiga da fauna, como a gente pode incentivar, a turma a adotar, e pensar nesse tipo de coisa, entrar na agenda, entrar na agenda, isso que a gente quer, certificação, a gente acredita, sei lá, o pessoal fala que tem problemas, não é a salvação da pátria também, certificação que não tem problema. Mas entrar com essa questão de fauna urbana na nossa agenda ambiental, que é só lembrada no último segundo ela só é lembrada na hora que deu ruim, não está no planejamento, na hora que deu ruim, ah, corre aqui, vem resolver esse problema, vamos ser práticos, e não pode ser pensada, deve ser pensada, queremos que seja pensada, precisamos que seja pensada. A fauna presta serviços ambientais do qual a gente vai ter muita falta se ela desaparecer. Próximo. E por último, o capítulo de educação pela fauna olha só, a gente acredita que a cidade, eu tenho plena convicção que dá para fazer educação ambiental e ensinar sobre fauna Silvestre e boas práticas na cidade de São

Paulo, porque que as cidades podem ser um campo bem interessante, porque a gente, eu estou falando de cidade, porque o costume que a gente tem de educação ambiental em escola particular, tudo é pegar a criançada e levar para longe da cidade para ensinar educação ambiental numa área que está bem conservada. E a gente pode usar as nossas áreas dentro da cidade para fazer esse ensinamento aí, como eu posso trabalhar e se você conseguir fazer projetos da cidade, a gente consegue o engajamento da comunidade, porque é onde as pessoas vivem, aonde você vai poder encontrar ali um vizinho, quando a gente está em outras áreas que moram poucas pessoas essa conexão das pessoas, essa interação das pessoas fica reduzida, e a cidade proporciona isso, e a gente está na cidade, então é isso. Quando a gente pensa em conservação, a gente, além da biodiversidade, a gente tem que pensar nas pessoas, e a educação é isso. Vamos aprender, vamos olhar, vamos observar e vamos envolver as pessoas. Assim a gente consegue mudar, um ótimo exemplo é o corredor verde, que o pessoal está fazendo coletivamente lá para ligar a USP ao Parque Previdência e que tem o envolvimento das pessoas, é um coletivo isso. Isso é uma coisa de sucesso enorme, as pessoas adoram estar participando de coisas legais, ainda mais se for para perto da tua casa, se for no teu bairro. A possibilidade de engajamento é muito maior do que proteger algum animal icônico, mesmo que seja icônico, longe da gente, o engajamento pode ser muito maior e a gente tem um campo gigantesco, a divisão de fauna faz também um pouco de educação ambiental. A gente leva as pessoas para observar aves todo mês nos parques municipais, cada mês a gente vai num parque e mostra a riqueza, esse tipo de atividade que lá no começo, porque faz muitos anos que a gente faz isso desde a década de 90 a gente faz isso, em 2016 virou um programa em parceria com a SAVE e a gente faz todos os meses. E eu notei uma mudança de público muito grande, antigamente, havia só mais as pessoas que eram malucas para o passarinho, e ultimamente a gente vem ganhando uma turma, vem jovens que acordam e estão lá no parque às 7 da manhã, vem jovem virado de balada. É demais, legal e a gente quer esse público, a gente quer tocar, porque assim, se não conhece, não vai se envolver. E são os jovens que vão poder se sensibilizar e tocar esse mundo pela frente. E assim, dá muito certo fazer esse tipo de coisa, a gente teve atividade que foram mais de 100 pessoas, mais de 100 pessoas. E a gente fala lá que a desculpa é ver passarinho, mas o que a gente está fazendo é educação ambiental, e as pessoas se interessam, adoram e continuam. Então tem campo gigantesco, as pessoas precisam tratar dessa convivência, achar normal que eu tenha na minha árvore uma coruja, achar normal pousar qualquer bicho, seja de rapina, entrar qualquer bichinho, as pessoas precisam se acostumar com isso, para melhorar essa convivência e vai ser benéfico para todo mundo, o próximo. E aí a nossa equipe assim focal, essa equipe foi a que ficou mais em cima de trabalhar, nos textos, na produção ali do manual cidade amiga da fauna, é a nossa fauna aí, a nossa fauna linda, diversa e é isso pessoal, obrigada, era isso.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Estamos fechando com chaves de ouro a nossa reunião de hoje.

Anelisa Ferreira de Almeida Magalhães - SVMA/CGPABI/DFS: Estamos fechando com astral lá em cima.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Quero parabenizar você em nome de toda a equipe sua aí, em nome da nossa coordenadora Juliana, que está à frente junto com vocês. Quero parabenizar vocês todos aí pela excelente apresentação e pelo exemplar que próxima vez vai ser concorrida, esse exemplar, ou seja, eu quero um desses para mim, a versão online que é mais importante para a gente. Eu vou dar palavra para a Maria de Fátima, por favor, Maria de Fátima. Tem alguma pergunta para a Anelisa, Maria de Fátima? Conseguiu. Maria de Fátima, eu acho que ela não está conseguindo. Vocês estão me ouvindo? Então, ela tinha caído. Maria de Fátima, por favor, Maria de Fátima.

Maria de Fátima Saharovsky: Desculpa, voltou. Eu quero parabenizar a sua apresentação magnífica, necessária, urgente, principalmente nas nossas áreas urbanas. Então é rapidinho, só para ilustrar, nós temos um bairro, um bairro verde que é muito admirado por todos e dentro desse bairro tem um parque e um parque também não é grande um parque municipal e com uma biodiversidade grande, temos um lago, temos muitas espécies nativas da mata Atlântica. E, esse parque está localizado num bairro que também foi construído, planejado para ser um bairro verde, inclusive, é tombado. A minha pergunta é a seguinte, como o bairro ele fica numa área, o seu entorno é bem urbanizado e ele é considerado assim muito visível a população do entorno. Então nós temos milhares de pessoas que visitam o bairro, e com isso você sabe que as coisas vão acontecendo e nós tentamos proteger a gente, tentamos assim, ter uma interlocução com essas pessoas, para que entendam como é importante a conservação desse local. Aí o que acontece é, eu estou descrevendo isso pelo seguinte, quando existe qualquer emergência. Então nós falamos com o PAC, com a administração do PAC. Ah, mas aí analisa tal situação, mas isso não é da nossa responsabilidade, da responsabilidade da subprefeitura, por exemplo. Aí conversamos com a prefeitura, já ocorreu o fato, não tem mais como. Então como fazer para que haja essa conexão entre os setores para que nós que estamos no bairro, com todas essas características, possamos ter uma colaboração dos setores, como, por exemplo, sinalização, que exista a conexão entre a Secretaria com a população para resolver determinadas coisas que estão ali no entorno do parque e, tantas outras coisas que eu não quero me estender. Então acho muito importante essa conexão entre a sociedade, entre a população, entre a Secretaria do Verde e entre outros setores da subprefeitura,

para que a gente possa realmente proteger esses espaços tão importantes para nós.

Anelisa Ferreira de Almeida Magalhães - SVMA/CGPABI/DFS: Olha só, o serviço da divisão de fauna, ele é o serviço que ele está em 2 unidades, ele está no Ibirapuera e conta com uma equipe que atende os casos de fauna pela cidade, o pessoal vai com o carro e atende os casos de fauna vitimada, mas é isso, é uma equipe para atender. Então eu sempre que a pessoa tem condição de trazer o bicho para a gente, a gente pede para a pessoa não ficar esperando a equipe, se ela tem condição de levar, porque a equipe atende o município inteiro, é uma equipe só de que é a nossa equipe de resgate, pessoal treinado para fazer o resgate é a GCM, é o pessoal da GCM que vai e é isso, realmente a comunicação é um problema mesmo da prefeitura de uma cidade tão grande, a gente sabe que tem vários, inúmeros setores e é realmente nem todo mundo sabe do serviço, de atendimento. A gente tem um atendimento por WhatsApp, você manda a pergunta ou o problema por WhatsApp e já recebe ali uma primeira orientação, você deve fazer, se deve recolher o animal, se deve deixar o animal onde está, se não tem problema, do que se trata. Mas é, um serviço que de certa forma, centralizado, não é um serviço descentralizado para subprefeituras. problema que a gente encontra de treinamento de pessoas, tanto que trabalham em parques municipais é a alta rotatividade que esse tipo de funcionário hoje tem na nossa estrutura, então a gente treina o administrador e aquele administrador pode ser que não fique por muito tempo. Quando a gente tem funcionários que ficam por longo tempo, a gente tem uma melhora nessa comunicação. Então esse é um problema inerente mesmo que a gente tem na prefeitura, eu não sei se como um todo, porque a minha única experiência foi na Secretaria do Verde. Mas esse é um problema que você está falando que a gente realmente tem.

Maria de Fátima Saharovsky: Está bem, obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Respondeu, né? Maria de Fátima, respondeu sim. Quero agradecer a Anelise a sua apresentação de hoje. Quero agradecer a todos os conselheiros e conselheiras aqui presentes. Oi, Maria de Fátima?

Maria de Fátima Saharovsky: E o que eu quero dizer é que nós devemos ter, acho que um debates maiores, porque isso é um problema não só no meu bairro, como em muitos outros lugares onde tem essa biodiversidade e nós temos a dificuldade de ter essa informação, de ter esses acessos aos locais que acolhem esses animais muitas vezes não tem vagas e fica muito complicado nós tratarmos assim porque, você sabe, você citou, inclusive, né? Quantas ocorrências? Então eu acho que é um debate que a gente deveria ter para a gente instituir como política pública mesmo a presença de uma base em cada região que possa atender as ocorrências e dar os primeiros socorros e encaminhamentos, eu acho. Eu sei que é difícil, mas eu acho que a gente tem que caminhar para isso.

Anelisa Ferreira de Almeida Magalhães - SVMA/CGPABI/DFS: O próprio material que a gente está produzindo no manual da fauna é para divulgar um pouco mais do que fazer em alguns casos. Então eu acredito que mesmo o manual vai poder dar dicas para as pessoas, de como lidar. Então, a ideia do manual é justamente essa, é divulgar um pouquinho dos problemas, o que que pode ser feito, porque também se a gente não construir cidades melhores e pessoas que entendam mais desse assunto fica um problema infinito, que é que eu posso fazer? O que está acontecendo? O que é que a gente pode fazer para reduzir esse impacto, né? Tentar solucionar. É isso, se você não mudar a fiação elétrica onde tem bicho, que que sobe, onde tem preguiça, onde tem os bichos, eles vão continuar tendo o mesmo problema.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Brígido, por favor, ele é da parte da GCM aqui com a gente, ele é da parte observador, ele acha que tem uma sugestão para dar né? Obrigada, Brígido.

José Reinaldo Brígido: Bom, boa tarde a todos estão me ouvindo?

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Sim, Brígido.

José Reinaldo Brígido: Apenas para complementar com relação ao resgate de animais silvestres, a guarda civil metropolitana de São Paulo atende todo o município, hoje com 36 viaturas e 470 homens e mulheres altamente treinados para esse serviço. Eles resgatam o animal, encaminham para o CeMaCAS. O contato pode ser feito pelo telefone 153, 153, que é o telefone da central da GCM. Ela recebe a demanda e encaminha para a viatura mais próxima.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos - Presidente: Estava falando isso aqui, na mesa. A participação da GCMA, a participação da PMA, da polícia militar ambiental, dos nossos valorosos, GCM aí e na.

Anelisa Ferreira de Almeida Magalhães - SVMA/CGPABI/DFS: E a equipe de resgate, né?

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos - Presidente: Exatamente como equipe de resgate, encaminhando tanto para o CeMaCAS, quanto para o Ibirapuera, não tem preço o trabalho que vocês fazem aí. E agora só crescendo, nós estamos falando de boca

cheia aí, 470, daqui a pouco 500, ou seja, a nossa valorosa GCM só cresce. Parabéns, Brígido.

José Reinaldo Brígido: Só complementando, o nosso pessoal é altamente treinado. Exatamente pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente e outros cursos à parte. Então os encaminhamentos são feitos, como eu disse, pelo telefone 153. A guarda civil atende 24 horas por dia. Obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Brígido, obrigada pela sua participação sempre conosco aqui na reunião do CADES municipal. Passo a palavra agora à Juliana, por favor.

Juliana Laurito Summa: Eu só quero complementar a Anelisa e o Brígido, que a gente tenta atender o máximo de número, de número de animais que a gente consegue dentro da cidade, exatamente por isso que foi concebido o manual, para a gente diminuir a quantidade de bicho que a gente recebe, muitos dos animais que chegam para a gente chegam, como a Anelisa falou, sem a menor necessidade de chegar. Então a gente pode criar centros da cidade inteira que a gente nunca vai dar conta de atender a demanda. Exatamente o que a gente tem que ensinar as pessoas a não recolherem os animais que estão na cidade, né? Muitos dos animais que a gente recebe. Só para vocês terem uma ideia, a gente tem um plantão telefônico, né? Mas a gente tem um plantão telefônico que atende em torno de 20.000, 25.000 chamadas por ano. Essas chamadas elas revertem a cerca de 8.000 animais por ano recebido. Então a gente deixa de receber 1/3 dos animais e a gente recebe chamada 1/3 não, 2/3 dos animais que a gente recebe chamada ou pedido para retirar, exatamente porque a gente tem um plantão telefônico especializado, que no telefone o veterinário ou biólogo informam para a pessoa como ela deve agir para esse animal. Então, Maria de Fátima nem sempre a gente consegue dar conta de atender todos esses animais, principalmente no período reprodutivo, porque realmente a gente percebe, muitos dos animais acabam chegando à vaga daqueles que poderiam ser atendidos por conta dessa falta de informação que as pessoas têm na cidade. A intenção do manual é que ele vire uma política pública e que a gente receba cada vez menos animais no centro de triagem, que a gente não precisa ampliar o serviço para a cidade inteira, porque ele tem que cada vez menor, não maior.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Juliana. A Juliana é nossa coordenadora do CGPABI e ela está aí complementando aí a Anelisa. Obrigada Anelise, obrigada Inspetor Brígido. Foi uma excelente reunião de hoje. A próxima reunião está marcada para o dia 11/12, está após o nosso término, a Neusa vai encaminhar essas 3 apresentações para vocês, conselheiros e conselheiras que estão presentes na nossa reunião e também passar o e-mail para a criação da comissão especial, do Cades. Passo então a palavra ao nosso presidente da mesa, Carlos Vasconcelos, para dar encerramento da nossa reunião de hoje, ótima tarde a todos.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos - Presidente: Pessoal, olha só, falamos de unidades de conservação, falamos lá do GCE. Aprendemos um pouquinho mais sobre o nosso GCE de São Paulo, e olha que legal, tudo aquilo que a gente viu sobre a fauna. O CADES sempre se superando e algo que a gente começou há uns anos que é, a gente trazia mais e mais informação aos nossos conselheiros, cada vez solidificando. Não adianta ser conselheiro, tem que tem que aprender o que é que está rolando em São Paulo, e o que acontece em São Paulo. Foi muito bacana, estive aqui o tempo todo, estava aqui batendo palminha, olhando nos olhos, e feliz da vida, porque nós também aprendemos. Agradecendo a presença de todos, dos nossos valorosos colaboradores aqui da nossa Secretaria. Hoje a gente não teve o pessoal de libras, mas, foi muito em cima, não deu, agradecendo o pessoal do CGC, e a gente se vê em breve. Uma ótima semana para vocês, hoje é segunda-feira, uma ótima semana para vocês. A gente vai ter um descanso no meio da semana, mas estamos chegando aí no final do ano. Tudo de bom, uma ótima tarde, hoje foi longo, mas valeu a pena. Valeu. Um abraço fraterno a todos.

São Paulo, 18 de novembro de 2024

CARLOS EDUARDO GUIMARÃES DE VASCONCELLOS

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

(em exercício)

Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES

Documento: [114615044](#) | Resolução

Resolução nº 281/CADES/2024, de 18 de novembro de 2024.

Dispõe sobre criação da Comissão Especial de “Alteração da Resolução nº207/CADES/2020 que trata sobre o Licenciamento no município de São Paulo”

O Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES, usando das atribuições e competências que lhe são conferidas por lei.

RESOLVE:

Art. 1º - Aprovar, conforme a 44ª Reunião Plenária Extraordinária do CADES, a criação da Comissão Especial de “Alteração da Resolução nº207/CADES/2020 que trata sobre o Licenciamento no município de São Paulo” com a seguinte composição:

I - Membros (as) Conselheiros (as):

a) Juliano Ribeiro Formigoni - SVMA/CLA (Presidente)

b) Rosélia Mikie Ikeda - SVMA/CPA (Relatora)

c) Douglas de Paula D’Amaro - Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras

d) Marco Antonio Lacava - Câmara Municipal de SP

e) Janaina Decarli - SPTrans

II - Técnicos (as) convidados (as):

a) Erika Valdman - SVMA/CLA

Art. 2º - Os integrantes da Comissão Especial ficam convocados para as seguintes reuniões virtuais:

I - A primeira reunião no dia 26 de novembro de 2024, com a finalidade de realizar o estudo e discussão para a elaboração da minuta do Parecer Técnico;

II - A segunda reunião no dia 03 de dezembro de 2024, com a finalidade de discutir e deliberar o Parecer Técnico da Comissão Especial.

Art. 3º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Conselheiros que aprovaram a Resolução:

LIGIA PALMA DE BARROS LATORRE LOBO

OLIVER PAES DE BARROS DE LUCCIA

GUILHERME ISERI DE BRITO

JANAINA SOARES SANTOS DECARLI

DOUGLAS DE PAULA D’AMARO

MAGALI ANTÔNIA BATISTA

CLAUDIO DE CAMPOS

MARCIA RAMOS DOS SANTOS

ROSÉLIA MIKIE IKEDA

JULIANA LAURITO SUMMA

JULIANO RIBEIRO FORMIGONI

JOÃO CESAR MEGALE FILHO

CÉLIA REGINA BUONO PALIS POETA

MARCO ANTONIO LACAVAL

ESTELA MACEDO ALVES

MARIO LUIS FERNANDO ALBANESE

JOSÉ RAMOS DE CARVALHO

TEREZA CRISTINA M. DA CUNHA

JACIARA SCHAFFER ROCHA

MARIA DE FÁTIMA SAHAROVSKY

DELAINE GUIMARÃES ROMANO

Coordenadora Geral: Liliane Neiva Arruda Lima

Secretária Executiva: Rute Cremonini de Melo

São Paulo, 18 de novembro de 2024.

CARLOS EDUARDO GUIMARÃES DE VASCONCELLOS

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

(em exercício)

Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES

COORDENAÇÃO DE GESTÃO DE PARQUES E BIODIVERSIDADE MUNICIPAL

Documento: [114807224](#) | Despacho deferido

DESPACHO: